



UC/FPCE\_2014

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de  
subsistência a prostituição.**

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: [inesmmcorreia@live.com.pt](mailto:inesmmcorreia@live.com.pt))

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento  
e Aconselhamento sob a orientação de Maria Jorge S. A. Rama Ferro

## **Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.**

### Resumo

Os estudos sobre questões da família e, especificamente, sobre aspectos relacionados com a maternidade, são numerosos e esclarecedores no que toca, por exemplo, às exigências dessa tarefa das mulheres mães. Contudo, o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição encontra-se pouco aprofundado. Neste estudo pretendeu-se compreender de que forma o preconceito relativamente à prostituição poderá influenciar a percepção e a forma como as mães prostitutas vivenciam a maternidade.

A investigação foi levada a cabo à luz dos preceitos da teoria assente nos dados (grounded theory). Para tal, efetuaram-se nove entrevistas semiestruturadas a prostitutas de rua com um ou mais filhos e com vários anos de vida na prostituição.

A partir da análise dos dados foi possível verificar coerência com a literatura, uma vez que os filhos são resultado de uma relação afetiva e são muitas vezes inesperados, surgindo cedo no percurso vital destas mulheres, que os assumem como a sua razão de viver.

Palavras chave: maternidade, filhos, prostituição, prostitutas de rua.

**Being a mother: the case of mothers whose occupation subsistence prostitution.**

**Abstract**

Studies on family issues and specifically on aspects related to motherhood are numerous and enlightening regarding the requirements of this task mothers women. However, the case of mothers whose subsistence occupation is prostitution has little depth. In this study, we sought to understand how the prejudice against prostitution may influence the perception and the way prostitutes mothers experience motherhood.

The investigation was carried out in the light of the precepts based on the data (grounded theory) theory. To this end, we performed nine semi-structured interviews with street prostitutes with one or more children and with several years of living in prostitution.

From the data analysis it was possible to verify consistency with literature since the children are the result of an emotional relationship and are often unexpected, having happened early in the life of these women, who take them as their reason to live.

**Key Words:** maternity, children, prostitution, street prostitutes.

## **Agradecimentos**

Ao longo das nossas vidas traçamos vários rumos e nem sempre é fácil encarar as constantes mudanças de direção que a vida nos exige. O suporte e apoio de quem faz parte das nossas vidas são essenciais para atingir objetivos definidos nos rumos tomados. Ninguém pode viver a vida na solidão!

Em primeiro lugar gostava de agradecer à Professora Doutora Maria Jorge Ferro, por todo o apoio, compreensão, paciência e conhecimentos transmitidos durante esta etapa. O seu envolvimento neste projeto foi essencial, pois a realização deste não seria possível se não tivesse acreditado nas minhas capacidades e vontade de trabalhar.

Agradeço às mulheres que participaram neste estudo, pois foi a sua coragem em partilhar a sua história que tornou este trabalho possível. Também não posso deixar de referir todas as mulheres com quem tive contato durante as “equipas de rua”, as quais motivaram a escolha do tema e facilitaram a compreensão do fenómeno da prostituição de rua.

Agradeço aos técnicos da Associação Existências, em particular à Dr<sup>a</sup> Maria Manuel Lobo e ao Dr<sup>o</sup> Paulo Anjos por todos os ensinamentos transmitidos, pela disponibilidade e apoio prestado durante toda a realização do estudo, assim como à Dr<sup>a</sup> Marta Graça que participou nas “equipas de rua” e se mostrou sempre disponível para esclarecer as questões que lhe colocava.

Agradeço a todo o Agrupamento 235 da Figueira da Foz por me acompanhar em mais uma etapa. Destaco os Dirigentes que fizeram parte da minha formação ao longo destes oito anos, o Manel, a Cristina, o Miro, a Lena, o Filipe e o João...o apoio deles permitiu que me tornasse mais destemida, corajosa e que, por isso, abraçasse este projeto sem medo.

A Professora Maria Gonçalves acompanha-me desde pequenina em todas as etapas, e esta foi mais uma em que esteve presente e me presenteou com a sua amizade, paciência e tempo.

Aos amigos da Figueira não podia faltar um grande agradecimento por toda a paciência e por me ouvirem na altura das “queixas” tão frequentes neste processo. A Marisa, o Zé Tó, o Paulo, a Rita e não menos importante, o João; foram aqueles que mais me ouviram e me confortaram nas alturas de estagnação.

Aos amigos de Coimbra, aqueles que fizeram, lado a lado, comigo este percurso e que em algum momento foram cruciais com a sua presença...um

Muito obrigado! A Carina, a Carolina, a Carla, a Nádia, a Ana, a Catarina, a Inês e a Cátia foram algumas pessoas que me puderam ajudar de forma especial neste percurso.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha família por acreditarem em mim, por me terem apoiado sempre e pela paciência nas alturas mais complicadas deste processo. A mãe Albertina, o pai Joaquim, a irmã Bia, o irmão Nuno, a cunhada Teresa, o cunhado Paulo e os mais importantes de todos... Maria, Mariana e Rafael! Foram todos imprescindíveis nesta etapa mas, os mais pequeninos, deram uma luz especial.

## Índice Geral

Introdução.....	1
I - Enquadramento Conceptual.....	3
A. Conceito de Maternidade .....	3
B. Prostituição .....	4
Definir Prostituição .....	7
Prostituição de Rua.....	8
Reação Social à Prostituição.....	11
C. As Prostitutas .....	13
Prostitutas e Família .....	15
Prostitutas mães .....	17
II - Objetivos .....	20
III - Metodologia .....	21
A. O Método .....	21
B. Recolha de Dados .....	23
C. Participantes .....	25
IV - Apresentação e Análise/Discussão de dados .....	27
V - Limitações do estudo e outras abordagens .....	44
VI - Conclusão.....	47
VII - Referências Bibliográficas.....	50
VIII - Anexos.....	53
Anexo A - Guião orientador de entrevista semiestruturada .....	54
Anexo B - Consentimento Informado .....	56
Anexo C - Exemplo de categorização aberta .....	57

## Introdução

A motivação para a realização desta investigação surgiu durante a realização do estágio curricular que decorreu na Associação Existências<sup>1</sup> no ano letivo 2012/2013. A integração da investigadora no Projeto Adão e Eva que tem como principal objetivo a redução de VIH/Sida, na população de sexo feminino que se dedica à prostituição e na população de sexo masculino que tem relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Quer estes indivíduos assumam estas atividades sexuais um cariz de prostituição ou não.

As equipas em que a investigadora foi integrada eram designadas “equipas de rua” e ocorreram sobretudo na cidade de Coimbra e arredores. Estas favoreceram o contato direto com o contexto e as integrantes deste. Desta forma, foi possível verificar que a maior parte das mulheres que se encontram a exercer a prostituição nestes locais têm filhos. No decorrer das equipas foi possível observar que estes têm relevância na vida destas, pois mencionam os filhos várias vezes e referem que uma das razões porque exerceram a atividade da prostituição é ambicionarem poder dar um futuro melhor aos mesmos. Este fato despertou o interesse e motivou a pesquisa de mais informação relativamente ao tema. Nesta pesquisa foi possível verificar que a informação existente em Portugal é reduzida.

Assim, a pesquisa iniciou-se com objetivo tentar compreender a maternidade no caso específico de mulheres que têm como ocupação a atividade da prostituição.

O contexto escolhido foi a prostituição de rua porque este estava menos explorado em outros estudos quando se trata de questões relacionadas com a maternidade. Apesar de esta ser uma população de difícil acesso, as equipas em que a investigadora estava integrada facilitaram o estabelecimento da relação empática.

A recolha de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas que posteriormente foram integralmente transcritas. De forma a respeitar a linguagem utilizada por estas, todas as construções frásicas e termos foram preservados, tendo em conta que algumas destas mulheres apresentam uma escolaridade relativamente baixa, o seu discurso é pouco elaborado e a

---

<sup>1</sup> A Associação Existências é uma IPSS, Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem como principal objetivo a promoção e proteção da saúde.

linguagem pouco cuidada.

O estudo teve em conta vários pontos, como: o enquadramento conceptual, os objetivos, a metodologia, apresentação e análise/discussão de dados, as limitações do estudo e outras abordagens e conclusão. O enquadramento conceptual pretende clarificar alguns conteúdos que são considerados pertinentes para a compreensão do fenómeno em estudo entre os quais o conceito de maternidade, o conceito de prostituição, o contexto da prostituição de rua, a reação social que esta desperta, a integração da prostitua na família e enquanto mãe. Os objetivos gerais que traduzem a evolução da investigação e como estes se estabelecem uma relação à metodologia. Na metodologia é apresentado o método utilizado, a recolha de dados e os participantes. Neste estudo optou-se por utilizar os pressupostos da *grounded theory* (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Holanda, 2006; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990). Por último, pretende-se clarificar as limitações do estudo, apresentar possíveis abordagens futuras e indicar algumas conclusões.

## I – Enquadramento Conceptual

### A. Conceito de Maternidade

O conceito de maternidade sofreu várias alterações ao longo do tempo. A evolução da sociedade estabeleceu diferenças na definição e forma de viver a maternidade ao longo dos séculos. Por isso, a maternidade é um fenómeno complexo (Correia, 1998).

Segundo Correia (1998), no decorrer de alguns séculos a valorização do género masculino era crucial. O género feminino era visto como dependente das decisões e desejos do género masculino. A maternidade não era um tema importante, pois não se considerava esta como uma função especial. No século XVIII inicia-se a imagem da mulher como mãe altruísta e que sacrifica tudo pelos filhos. Nos séculos seguintes continua a ideia que a maternidade é um ponto crucial na vida das mulheres, uma vez que começa a ser vista como “educadora, mãe, criadora da sociedade futura” (Correia, 1998, p. 368). A prioridade de qualquer mulher era a maternidade. O *instinto materno* julgava-se presente em todas as mulheres e inicia-se a idealização do modelo de maternidade adequada (Monteiro, 2005). Esta nova imagem ainda considera o amor materno como espontâneo, que esta presente em qualquer mulher, mas Badinter (1980, cit in Correia, 1998) considera que tal nem sempre se verifica, pois este amor é complexo e imperfeito.

A idealização de maternidade veio definir estereótipos de *boa mãe* e *má mãe*. No século XIX, é considerado que uma *boa mãe* nada teria que lhe fosse apontado, dando a ideia de que seria perfeita, estando sempre preparada para colmatar as necessidades dos filhos (Fidalgo, 2003). Uma boa mãe permanece em casa enquanto os filhos são pequenos e não deixa que a sua carreira ou emprego interfiram no seu papel de mãe (Tardy, 2000). O que transparece, mais uma vez, a maternidade como um destino certo e esperado por todas as mulheres, considerando esta como parte da sua identidade (Monteiro, 2005; Tardy, 2000). O facto de algumas mulheres ocuparem o seu tempo com outras atividades, que não a maternidade, é tido como um comportamento inadequado (Fidalgo, 2003). Contudo, tendo em conta a evolução cultural esta definição mostra-se redutora, dado não tem em consideração a realidade individual de cada mulher.

A maternidade tardia, ou precoce, ou fora dos parâmetros esperados na comunidade é socialmente reprovável (Fidalgo, 2003). É esperado que uma *boa mãe* seja responsável pela educação religiosa, espiritual e social das crianças (Tummala-Narra, 2004). O conceito de *maternidade intensiva* remete-nos para esta mesma ideia. Uma *boa mãe* tem como prioridade o seu filho (Fidalgo, 2003; Monteiro, 2005), logo tem como principal objetivo a sua educação.

Durante o século XX assiste-se a várias alterações. A família tradicional deixa de ser um dado adquirido. Com o aparecimento de um número mais elevado de famílias monoparentais, em que o sustento dessa família depende apenas de uma pessoa (Coelho, 2003). As tecnologias vieram permitir mudanças a nível da saúde reprodutiva e da utilização de contraceptivos (Tardy, 2000). O conceito de *maternidade intensiva* manteve-se aos olhos da sociedade, mas adaptado aos dias de hoje, em que a maior parte das mulheres se encontram inseridas no mercado de trabalho e conciliam o seu tempo entre a tarefa da maternidade e o seu posto de trabalho (Fidalgo, 2003).

Em suma, o conceito de maternidade é muito vasto e não deixa de se encontrar relacionado com a visão social. É aos olhos desta que as mães se sentem avaliadas. Assim, podem ver os seus comportamentos maternos reprovados ou considerados inadequados pela sociedade em que se encontram inseridas.

## **B. Prostituição**

Socialmente é habitual ser referido que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo. Em toda a história da humanidade existiram referências a diferentes tipos de prostituição. As várias mudanças visíveis ao longo da história marcaram a evolução da legislação, da aceitação social e dos conceitos inerentes à atividade.

A história da prostituição é demarcada por algumas oscilações. Em algumas circunstâncias esta atividade chega a ser aceite, outras apenas tolerada e na maior parte das vezes, as mulheres que praticam esta atividade são discriminadas. Inicialmente, estas mulheres faziam parte dos templos, sendo que em troca de rituais sexuais eram-lhe dadas oferendas. Ao longo do

tempo, com a prevalência do ato do casamento, é visível uma divisão entre as esposas legítimas e as mulheres que se prostituem, o que provocou a estigmatização destas (Oliveira, 2004a).

A perspetiva social da prostituição é assim vista de diferentes formas com o decorrer da história. Em Portugal, tal como nos restantes países europeus, são visíveis as oscilações das perceções sociais e consequentemente da legislação aplicável. Esta pode ser vista em quatro momentos: *legislação avulsa e pré-regulamentarismo, regulamentarismo, proibicionismo e despenalização* (Oliveira, 2004a).

A *legislação avulsa e pré-regulamentarismo* ocorreram entre a fundação de Portugal e 1853. Foi demarcada pela alternância entre a permissão e condenação, isto é, apesar de ser moralmente reprovador, eram mencionadas as “necessidades sexuais ilegítimas” (Oliveira, 2004a, p. 21). Como tal, nesta altura criou-se um paradigma. Apesar de esta ser condenável, também era tolerada tendo em conta alguns limites e condições (Oliveira, 2004a).

O *regulamentarismo* decorreu entre 1853 e 1962. Esta época foi marcada pela propagação da sífilis, sendo a prostituta considerada a origem desta, e de outras doenças venéreas (Schouten, 2002). Esta situação conduziu ao controlo da prostituição, e levou a que cada prostituta tivesse que se inscrever no Governo Civil, fosse detentora da sua caderneta individual, e se sujeitasse a exames médicos regulares. Se, nestes exames, fosse detetada alguma doença venérea, esta mulher deveria ser internada em hospitais especiais, semelhantes a prisões, como o caso da Enfermaria de Santa Madalena no Hospital do Desterro, em Lisboa (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Estas mulheres eram vistas como uma possível fonte de grande mal, assim Trovar de Lemos (1908), médico português e diretor do dispensário de higiene social de Lisboa, apesar de considerar a prostituição como “útil e reguladora da moral do nosso povo”, também se refere às prostitutas como “ser inferior” (Liberato, 2002, cit in Schouten, 2002, p. 359).

No final do século XIX, começa a ser visível a falta de eficácia do regulamentarismo. Havia um aumento da prostituição, e esta era considerada como a causa da desigualdade entre géneros (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). A prostituta era vista como um ser inferior que

cometia atos que a desonrava, contudo os homens tinham o direito de as procurar. Nesta altura, começam a surgir vários movimentos a favor da proibição da prostituição. Alguns chegaram a declarar que a virgindade do homem tinha um valor igualável ao da mulher (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007), e que esta atividade estava a pôr em causa a dignidade humana (Ribeiro, 2010). Assim, surge o Decreto-Lei nº 44579, de 19 de Setembro de 1962, que proíbe a prostituição, com efeito a partir de 1 de Janeiro de 1963 e assim foi até 1982. O *proibicionismo*, faz com que esta atividade seja punível com pena de prisão, apesar do cliente ser imune a qualquer responsabilidade legal (Oliveira, 2004a). Esta situação levou a que as prostitutas trabalhassem escondidas, em condições mais precárias, aumentando os riscos de saúde e segurança.

Em 1982, o Decreto-Lei nº400/82 vem revogar o anterior Decreto-Lei nº44579, sendo permitida a prostituição a 1 de Janeiro de 1983. Entra assim em vigor a *despenalização* da prostituição e a criminalização do lenocínio. Assim se mantém até hoje. Contudo, a prostituição não é uma atividade legalizada, apenas não é punível o seu exercício (Oliveira, 2004a; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

Os quatro momentos mencionados rementem-nos para várias opiniões e formas de lidar com a prostituição ao longo do tempo, o que influencia a forma como a sociedade vê e encara a prostituição. Apesar de esta ser tolerada e aceite, em alguns momentos, por ser considerada “útil” (Liberato, 2002, cit in Schouten, 2002, p. 359), também é alvo de tentativas de eliminação, por ser moralmente reprovável. A prostituição, como objeto de estudo, é influenciada pelos diferentes momentos históricos em que é abordada. As ciências que a estudam têm em conta a sociedade em que se encontra naquele determinado momento, e a forma como esta é vista legalmente.

A investigação sobre a temática tem como grande foco inicial a preocupação com as doenças infectocontagiosas, como a Sífilis e o VIH/SIDA. (Oliveira, 2004a). A investigação mais antiga em Portugal data de 1841 e foi realizada por Santos Cruz, que definiu como objeto de estudo: aquelas “que fazem mal publicamente do seu corpo ganhando dinheiro e que o fazem constantemente a quem quer que for” (Oliveira, 2004a, p. 82).

Muitas outras investigações se seguiram a esta, sempre com a

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

preocupação centrada no comportamento e nos aspetos fisiológicos das mulheres que se prostituíam (Oliveira, 2004a).

No século XX existe uma mudança na noção de prostituição, dado o aumento de ciências a refletir sobre esta temática. O homem começa a ser integrante na definição da prostituição, e anteriormente só a mulher era considerada para esse efeito. Apesar de alguma evolução, a definição mantém-se limitada, só se consideravam as causas e os efeitos, sempre relacionados aos domínios da moral (Oliveira, 2004a).

A partir do século XXI, a investigação sobre a prostituição tem vindo a crescer e evoluir, por existirem mais investigadores interessados em desvendar mais aspetos sobre esta temática. Atualmente a prostituição não é só abordada com o interesse de definição, mas também pelos contextos em que esta decorre, pela desmistificação da vida das mulheres que exercem esta atividade. Estas necessitam gerir a sua profissão com a sua vida pessoal. Também, é imprescindível na sociedade de hoje definir trabalho sexual, como a questão da legalização da situação destas mulheres. Para tal, têm sido essenciais os trabalhos de vários investigadores, os quais destaco Oliveira (2004, 2011) e Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007).

### **Definir Prostituição**

A definição de prostituição, à primeira vista, pode ser considerada algo relativamente fácil, mas de facto esta tem que incluir uma série de elementos, como por exemplo, o contexto, e as especificidades da atividade exercida. Para além disso, a definição atual de prostituição não é comparável com as primeiras apresentadas, pois esta tem sofrido modificações para se poder adaptar às diferentes sociedades e à sua evolução histórica.

As primeiras definições pautavam-se pela inclusão da moralidade e pela exclusão dos homens neste conceito. A partir do século XX o homem passa a ser incluído nesta definição, uma vez que é um ator relevante para a mesma. A tentativa de não excluir “ninguém e nenhum ato” (Oliveira, 2004a, p. 85) leva a que muitas vezes tal aconteça. Estas definições, já menos marcadas pela moralidade, surgem como a tentativa de abandonar a subjetividade e tornar a definição mais científica (Oliveira, 2004a, 2011).

Nos anos 70, a definição centra-se no trabalho sexual. Assim, a prostituta deixa de ser vista como “desviante social ou a escrava sexual e passa

a ser trabalhadora sexual” (Chapkis, 1997, cit in Oliveira, 2004a, p. 87). Esta nova definição é mais abrangente, mas em termos do senso comum e da sociedade não foi assumida, uma vez que até hoje a prostituição não é uma profissão legalizada. Contudo, o trabalho sexual<sup>2</sup> não está somente conectado à prostituição. Esta é só uma forma do mesmo. Segundo, Weitzer (2000, cit in Oliveira, 2004a, p. 88), “o trabalho sexual, é então, o que respeita a serviços, desempenhos ou produtos sexuais comerciais (prostituição, pornografia, striptease, danças eróticas, chamadas telefónicas eróticas) ”.

A prostituição em particular, segundo Oliveira (2004a), pode ser definida como “o desempenho de relações sexuais (genitais, orais, anais ou masturbatórias) entre outras atividades com conotação sexual, com uma pessoa ou mais por motivos não sexuais, geralmente económicos” (p. 89).

### **Prostituição de Rua**

A prostituição de rua ou desabrigada significa “perda de privacidade, a devassidão da imagem, a invasão da pessoa, a exploração da condição feminina até ao último pormenor imaginado” (Sá, 2010, p. 142). A prostituta que trabalha nestas condições tem a percepção que fica completamente exposta e de que perde a sua segurança (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Oliveira, 2011).

Os locais onde se pratica este tipo de prostituição são: à beira de estradas nacionais, onde esta atividade decorre durante o dia; no centro das cidades onde é visível à noite. Os sítios são muito distintos, dado o contexto e forma de exercer a atividade variar, sendo que os locais situados à beira da estrada são mais adversos (Oliveira, 2011). Nestes locais, as prostitutas estão frequentemente mais isoladas, porque se mantêm a maior distância umas das outras, o que cria um risco acrescido na sua segurança. No centro das cidades, na maior parte das vezes, as prostitutas praticam a sua atividade em pensões, segundo Manita e Oliveira (2002, cit in Oliveira, 2011) 94% escolhem estes locais para atender os seus clientes. Porém, algumas prostitutas optam por atender os clientes nos seus carros, aumentando assim o seu lucro, tendo em conta que não necessitam de pagar o quarto da pensão (Oliveira, 2004a, 2011). Esta prática acaba por significar mais riscos para estas mulheres, levando-as

---

<sup>2</sup> Neste trabalho só há interesse em clarificar a definição de prostituição, por isso não há referências a outros tipos de trabalho sexual.

a adotar medidas de segurança.

A presença das prostitutas no centro das cidades não é vista de forma positiva, pois considera-se que estas podem “contaminar o seu espaço físico e social” (Oliveira, 2011; p. 62). Segundo Fernandes (2006, cit in Oliveira, 2011) a introdução de pessoas vistas como desviantes/marginalizadas no seio da cidade pode ser considerado um risco uma vez que coloca em causa “as regras e a ordem social” (p. 62). Contudo, por exemplo, em zonas de comércio, a presença destas mulheres é vista de forma positiva, uma vez que a presença delas faz com que a zona esteja movimentada durante a noite afastando a possibilidade de possíveis assaltos (Oliveira, 2011). Em algumas zonas, a prostituição é praticada há várias décadas mas noutras existe uma maior mobilidade das trabalhadoras do sexo. A densidade destas trabalhadoras varia consoante a área, e se no início estas constituíam grupos consoante algumas características: género, idade, aspeto físico, e consumo ou não de drogas. Atualmente estes grupos começam a dispersar-se, sendo uma das razões a vinda de estrangeiras para esta atividade (Oliveira, 2011). Apesar disso, continuam a existir questões territoriais que impõem respeito por algumas regras, definindo qual a zona de trabalho de cada prostituta e a invasão desta, leva a algumas desavenças entre estas mulheres (Oliveira, 2011).

Uma das questões mais debatida nos dias de hoje são os baixos rendimentos obtidos pois, ao contrário do que acontecia no passado, a procura começa a ser reduzida. Para além da crise, instalada no país, também existem outros fatores determinantes na redução do valor auferido por estas mulheres como as *mudanças estruturais*, *pessoais* e *acidentais* (Oliveira, 2011). Como se explicarão de seguida:

- As *mudanças estruturais* remetem-nos para alterações na dinâmica existente nas ruas. Como por exemplo, inicialmente as mulheres organizavam-se por características comuns (género, idade, aspeto físico), mais tarde surgiu a organização por prostitutas consumidoras e não consumidoras, devido ao aparecimento de mulheres que se prostituíam para comprar drogas. Isso levou a uma diminuição dos preços, e a uma rivalidade entre estas e as não consumidoras. Também, o aparecimento recente de mulheres estrangeiras em grande número, que na maior parte dos casos, vêm para ganhar dinheiro e enviar para as famílias que se encontram no país de

origem, vem mais uma vez alterar a dinâmica existente, levando a que no início houvesse tentativas de as expulsar por parte das prostitutas que já se encontravam nos diferentes locais, mas acabaram por ter que aceitar a presença destas e adaptar-se a esta nova realidade.

- As *mudanças pessoais* são alterações individuais. Podemos considerar como consequência das *mudanças estruturais*, isto porque com o aparecimento de uma nova realidade, as prostitutas que já se encontravam nesta atividade tiveram que se adaptar. Esta adaptação levou muitas mulheres a reduzir os preços praticados e a optar por conciliar a prostituição de rua com a de bares de alterne com reservados<sup>3</sup>, uma vez que o número de clientes é agora mais reduzido e os lucros já não são tão altos como no passado.

- As *mudanças acidentais* referem-se a situações que estão fora do controlo destas mulheres. Um exemplo foi a agressão de uma transexual por parte de um grupo de adolescente em 2006, no Porto. Estes terão espancado a Gisberta durante três dias e atirado a mesma para o poço de um prédio em obras, onde acabou por morrer afogada<sup>4</sup>. Tal, levou a que as trabalhadoras daquela zona passassem a ser alvo de insultos e agressões e houvesse uma diminuição de clientes, fazendo as mesmas mudar de local.

Todas as mudanças têm impacto na forma como é gerida a atividade da prostituição de rua, uma vez que faz com que haja alteração nos rendimentos auferidos (Oliveira,2011), levando estas mulheres a procurar estratégias para obterem clientes. É por isso uma vantagem, neste tipo de prostituição, a flexibilização do horário, pois as trabalhadoras sexuais concretizam as horas e dias que lhes são mais convenientes, gerindo a independência de que são detentoras (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Oliveira, 2011).

A prostituição de rua, é assim vista como um meio de ganhar dinheiro e de estas mulheres serem independentes financeiramente, uma vez que ao contrário de que acontece na prostituição de interior<sup>5</sup>, estas mulheres são detentoras de todo o lucro obtido. Este tipo de prostituição também tem desvantagens. Fisicamente e psicologicamente é mais duro, uma vez que estas

---

<sup>3</sup> A expressão *bar de alterne com reservados* indica que neste local as mulheres praticam simultaneamente alterne e prostituição.

<sup>4</sup> Notícia do Diário de Notícias, 19 de Fevereiro de 2010, acedida em: [www.dn.pt](http://www.dn.pt)

<sup>5</sup> A Prostituição de interior ocorre normalmente em bares noturnos, e as prostitutas que prestam serviços nestes locais, submetem-se a horários, regras e aos preços estipulados.

mulheres passam várias horas de pé, estão expostas às alterações climáticas, são mais facilmente agredidas verbal e fisicamente (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Sá, 2010).

### **Reação Social à Prostituição**

A prostituição, desde cedo, apresentou-se como um problema moral para a sociedade. Esperava-se das mulheres que estas fossem esposas e mães exemplares. Isto provocou uma distinção entre “mulher-esposa-mãe” e a “mulher sedutora, depravada-puta”, terminologia mencionada por autores como Roberts (1996), Parents (2001), e Silva (2002), (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007, pp. 203). As próprias prostitutas, acabam por visualizar o seu trabalho como algo negativo, que lhes tira a dignidade e o qual têm necessidade de justificar, referindo que só o fazem por ambicionarem um futuro melhor para os filhos (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

As prostitutas estão cientes, do rótulo imposto pela sociedade à sua atividade de tal modo que se sentem inibidas de dar uma opinião positiva sobre esta atividade. Algumas admitem que não trocariam esta profissão por outra, devido aos rendimentos que auferem, mas têm “dificuldade em gostarem ou admitirem gostar de ser prostitutas” (Oliveira, 2011, p. 218).

A noção de *Stigma* de Goffman (1963, cit in Oliveira, 2011) refere-nos que este conceito se centra na desvalorização dos sujeitos. Ao indivíduo estigmatizado é erguida uma barreira que o impossibilita de ser inteiramente aceite pela sociedade. A estigmatização a que estas mulheres estão sujeitas, é visível em situação do quotidiano, no local de trabalho, onde muitas vezes, são olhadas com um olhar discriminatório, ou quando se dirigem a um serviço, como um café ou restaurante e são rotuladas devido à sua profissão (Oliveira, 2011).

Uma das formas de ultrapassar o estigma, segundo Goffman (1963, cit in Oliveira, 2011), é disfarçá-lo. Como? Agir de forma a não alimentar o estigma, o que normalmente é inevitável, uma vez que a maior parte destas mulheres adequam o seu comportamento quotidiano, tendo em conta as características estigmatizantes que pensam que transmitem. Isto leva a uma “deterioração” da sua identidade, pois a estratégia utilizada é meramente defensiva e irá culminar numa baixa autoestima destas mulheres. Identificam

o estigma como um especto negativo da sua atividade e atribuem-lhe como causa os rendimentos altos (Schouten, 2002). Muitas destas trabalhadoras optam por defender a sua atividade, como uma profissão, referindo-se a esta de modo mais formal, como *trabalhadoras do sexo*, tendo em conta que dessa forma pretendem desconectar da prostituição a imagem negativa que a tem acompanhado desde sempre (Oliveira, 2004a).

Peraboa (2007, cit in Cordeiro 2012), refere que a exclusão social é a “fase extrema do processo de marginalização, entendido este com um percurso descendente, ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas do individuo com a sociedade” (pp. 10). Também, Costa (1998, cit in Oliveira, 2011) refere-se à exclusão social como a exclusão do exercício da cidadania, agrupando os sistemas sociais em cinco grupo que domina como: social, económico, territorial, referências simbólicas, e institucional. As prostitutas, na maior parte das situações, encontram-se integradas nas famílias, têm relações afetivas, quer no que diz respeito a um companheiro, quer a uma amizade, assim como auferem dinheiro suficiente para garantir os seus gastos. Desta forma, podemos concluir que se encontram enquadradas nos seguintes domínios: social, económico, territorial, e nas referências simbólicas. Já no que diz respeito ao institucional, tendo em conta que a sua atividade não é considerada uma profissão, enquanto esta não for legalizada, não podemos afirmar com clareza que as prostitutas não são excluídas socialmente, até porque, o não reconhecimento do trabalho delas tem gerado variadas situações de estigmatização (Cordeiro 2012; Oliveira, 2011).

Apesar de em 1982, a prostituição ter sido despenalizada pelo Decreto-Lei nº 400/82, tal não veio melhorar, de forma significativa, a posição das prostitutas. Esta não é criminalizada, também não é legal, e tal situação, continua a contribuir para a exclusão das prostitutas (Oliveira, 2004b). Estas são vistas como vítimas e desprotegidas, uma vez que não podem exercer qualquer direito. A sua atividade não é considerada legalmente, o que se pode transcrever numa exclusão social. É-lhes vedado o direito de cidadania, e por conseguinte o acesso a bens e serviços (Oliveira, 2004b), como é o exemplo da impossibilidade de inscrição na Segurança Social, e todos os deveres e direitos que daí advêm, pois a sua atividade não é considerada um trabalho legal. (Manita & Oliveira, 2002 cit in Oliveira, 2004b).

Segundo Nahra (2010), “ o que não é discutível, entretanto, é o facto

de que as prostitutas são estigmatizadas e vítimas de preconceito, assim como os maus efeitos desta estigmatização na vida delas” (p. 232).

### C. As Prostitutas

As vivências na infância e adolescência das prostitutas são marcantes na vida destas mulheres. Algumas consideram estas etapas das suas vidas positivas, pois não lhes faltava afeto por parte dos pais e restante família. Contudo, a maior parte destas mulheres, relembram a infância como um ponto extremamente negativo, uma vez que as fazem lembrar da violência existente no seio familiar, dos maus-tratos e abusos sofridos nesta época (Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Pertencentes a famílias carenciadas economicamente, sem terem acesso aos brinquedos habituais na infância, muitas vezes a passar fome, sem uma estrutura afetiva consistente, recordam o meio familiar como amargo e evitam o tema em questão (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

A juventude e a vida adulta destas mulheres também são assinaladas com acontecimentos negativos, marcadas por casamentos ou uniões de facto desfeitos, pois, ou são abandonadas pelos seus companheiros/maridos, ou estes vêm a falecer, deixando-as muitas vezes sozinhas com filhos para criar. Estas acabam por iniciar-se na prostituição muito cedo, pois a carência económica, a desorganização familiar a que foram sujeitas na família de origem e que se reflete na idade adulta, marcam o seu percurso de vida e sentenciam a permanência delas nesta atividade (Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

Nos primeiros dias de trabalho, os ensinamentos por parte de prostitutas mais experientes são cruciais. Ensinam estas mulheres inexperientes a lidar com o choque emocional e partilham técnicas específicas da sua atividade. Evidenciado pelo estudo de Oliveira (2004a), após o início desta atividade, as prostitutas “aprendem a lidar com a experiência física e emocional do ato sexual comercial” (Oliveira, 2011; p. 76). Tal aprendizagem irá desencadear um mecanismo de *defesa do Eu* para minimizar possíveis danos psicológicos, pois estas devem ser capazes de estabelecer um distanciamento emocional, para que aquele ato seja meramente comercial, e o ato sexual tenha significado só para o cliente (Oliveira, 2011). Contudo,

algumas mulheres admitem já ter sentido prazer com os clientes e mostram-se preocupadas com esse facto devido a todo o seu esforço para que tal não aconteça (Cunha, 2012).

Os motivos que levam estas mulheres a prostituir-se são diversificados. Os mais apontados são: compra de droga pelas toxicodependentes; sustentar os filhos por aquelas que são mães; necessidade de garantir um futuro por mulheres normalmente estrangeiras, que vieram para poder aumentar o seu nível de vida e mais tarde ter outra ocupação (Oliveira, 2004a; Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). As mães-prostitutas querem acima de tudo o bem-estar, educação e “um futuro mais risonho” para os seus filhos, justificam assim a entrada e permanência nesta atividade. Esta decisão pode tê-las levado a ir contra as normas éticas/morais e de conduta aceitável que estas defendiam, fizeram-no porque “os filhos são sempre mais importante que tudo” (Oliveira, 2004a, p. 172). Como é verificado no estudo de Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007), apresentado em *Vidas na Raia*, a primeira razão que leva estas mulheres a optarem pela prostituição é “Ganhar mais dinheiro” (p. 177), com 52,1%. Este motivo mantém-se como o mais forte como segunda razão, com 24,4%, seguido por “Dar melhor educação aos filhos” (p. 178), com 12,5%.

Uma mudança de trajetória na vida das mulheres que exercem a prostituição marcou a decisão de se iniciarem nesta atividade. Na maior parte das vezes, um acontecimento marcante alterou as suas vidas e obrigou-as a mudarem profundamente o seu percurso como, por exemplo, a perda do marido ou a falta de emprego (Oliveira, 2011; Sá, 2010). Este tipo de situação é normalmente associada a uma carência económica. É recorrente estas ficarem com todos os encargos associados à sobrevivência dos filhos. A opção passa por obter dinheiro e após várias tentativas, acabam por ver na prostituição uma forma eficaz e rápida de atingir os seus objetivos (Oliveira, 2011; Sá, 2010).

Habitualmente, as razões que levaram estas mulheres à prática da prostituição é o que as mantêm na mesma, pois é uma atividade onde auferem dinheiro suficiente para satisfazer as necessidades existentes nas suas vidas, como alimentar a si e aos filhos (Oliveira, 2011).

O eventual abandono deste trabalho deve-se a acontecimentos também

relevantes que leva a que as prostitutas deem um novo rumo às suas vidas, como a morte de um companheiro, o nascimento de um filho, uma doença grave (Oliveira, 2011). Mas este abandono poderá ser temporário ou definitivo, dependendo da capacidade de cada uma destas mulheres de organizar as suas vidas. Poderão arranjar emprego ou montar o seu próprio negócio mas, mesmo assim, muitas vezes, estas situações são financeiramente insuficientes, levando estas mulheres a regressar à rua (Oliveira, 2011).

As opiniões e os sentimentos vivenciados pelas prostitutas são diversos, mas estas parecem estar de acordo no facto de que a maior vantagem desta é o ganho rápido e em grandes quantias de dinheiro. Desta forma, estas mulheres acabaram por racionalizar a situação desvalorizando os aspetos negativos, a estigmatização e o preconceito que paira sobre esta atividade.

### **Prostitutas e Família**

As prostitutas, como já referido, optam por esta atividade devido a esta ser considerada uma forma rápida e eficaz de ganhar uma quantia de dinheiro que possa fazer face às suas despesas diárias, muitas vezes com filhos ou outros familiares dependentes (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Porém, o seu mundo social não se limita ao exercício da prostituição, uma vez que estas são muitas vezes esposas, mães, filhas, ou seja têm uma rede familiar (Oliveira, 2011). Assim, podemos considerar que estas são detentoras de uma vida pública, que nos remete para a exposição na prostituição, mas que esta não impede as vivências privadas existentes no seio familiar.

A vida amorosa das prostitutas é vivenciada da mesma forma que a vivem as outras mulheres. O trabalho efetuado não está relacionado com as suas relações amorosas, pois tal como as restantes mulheres não prostitutas estas pode ter “bons e maus relacionamentos” (Oliveira, 2011, p. 136). Estas distinguem, claramente, a relação com os clientes da relação amorosa com o companheiro/namorado, pois para estas fazer sexo é claramente diferente de fazer amor, uma vez que este último não é passível de ser feito por dinheiro (Oliveira, 2004a).

Os companheiros das prostitutas são, na maior parte das vezes, rotulados como exploradores e aproveitadores dos rendimentos obtidos por estas, e como violentos. No entanto, nos dias de hoje a maior parte das relações

destas mulheres são pautadas “pelo amor, respeito mútuo, consideração, afeto, preocupação, partilha e carinho” (Oliveira, 2011, pp. 136-137).

Apesar de existirem investigações, como a de Barry (1995, Oliveira, 2011) que afirma que cerca de 90% das prostitutas têm um proxeneta<sup>6</sup>, outros investigadores como Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) referem que na maior parte das situações estes já não estão presentes na vida das prostitutas. Atualmente, a presença do proxeneta é uma exceção, pois a grande maioria das prostitutas que trabalham na rua autonomizaram-se. Estão mais cientes dos seus direitos enquanto mulheres, recusam ser exploradas (Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Contudo, poderão existir relações entre prostitutas e companheiros que envolvam violência, mas tal é incluído no conceito de violência conjugal, uma vez que não estão relacionadas com a prostituição (Oliveira, 2011).

As opiniões sobre a permanência na prostituição por parte dos companheiros são diversas. Enquanto alguns se importam com o facto de estas exercerem esta atividade, outros não parecem desconfortáveis com a situação (Oliveira, 2011). A decisão final cabe sempre à mulher, que vê naquele trabalho a forma de ser independente financeiramente, apesar de por vezes os companheiros terem a capacidade de as sustentarem. Estas não aceitam tal situação porque lhes retira a possibilidade de partilhar as despesas (Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

A rede familiar, destas mulheres é um ponto essencial nas suas vidas, uma vez que fazem parte da sua rede de suporte emocional, mas nem sempre estas optam por lhes contar a sua ocupação. Apesar de ser usual as prostitutas de rua contarem a alguém das suas relações familiares ou de amizade, o certo é que algumas optam por não o fazer, as suas ausências são justificadas com trabalhos em cafés, restaurantes, entre outros (Oliveira, 2011). Não estão a tentar proteger-se, mas antes a proteger as pessoas que lhes são queridas da estigmatização proveniente deste tema. Contudo, existem situações, em que estas optam por contar a um ou mais membros da família, ou ao companheiro, mas normalmente salvaguardam os filhos pois é importante protegê-los do que pensam ser nocivo para estes (Oliveira, 2011). Seja como for esta atividade

---

<sup>6</sup> Um *chulo* (ou *proxeneta*) remete-nos para um sujeito que ilude a prostituta, fazendo-a querer num sentimento de afeto recíproco, quando esta é a única que o vive, e desta forma aproveita-se dos lucros que esta auferirá através da prostituição.

implica sempre “alguma” perturbação! As reações dos familiares e/ou amigos são diferentes. Alguns rejeitam, outros respeitam, enquanto outros simplesmente aceitam porque também dependem economicamente delas (Oliveira, 2011).

### **Prostitutas mães**

As prostitutas tornam-se mães, na maior parte das situações, de forma inesperada e relativamente cedo. A maternidade, segundo o estudo *Vidas na Raia*, é resultante das primeiras relações amorosas que se originam na adolescência (13-17) (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007, pp. 342-344).

Geralmente, os filhos nascem de relações de namoro que não persistem no futuro, ou quando casam, tal acontece relativamente cedo, e na maioria das situações a união não é duradoura (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

No estudo realizado por Ribeiro (2004), 75% das prostitutas entrevistadas eram mães, este facto revela-se “poderosamente condicionante da configuração dos seus percursos de vida em geral, da construção da sua identidade e das suas decisões relativas à prostituição, em particular” (p. 30). Estas mulheres, provenientes de famílias com uma situação económica baixa, em que existe falta de informação, e uma propagação dos valores religiosos, não têm conhecimento suficiente para colocar em questão a interrupção da gravidez (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Num estudo mais recente de Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) é referido que 58% destas mulheres, ou seja, mais de metade, tem mais que um filho, e que 32,5% afirma que são de pais diferentes, sendo que as razões apontadas para tal são a “incapacidade de manter fidelidade e a predisposição para se apaixonar” (p. 344)<sup>7</sup>. Para além disso, 43% das mulheres entrevistadas mencionam que os pais não participam nos encargos correspondentes às necessidades dos filhos.

As trabalhadoras do sexo, que exercem a prostituição, consideram-se

---

<sup>7</sup> A afirmação acima referida deverá ser alvo de uma investigação mais exaustiva, tendo em conta que existe uma culpabilização imputada às prostitutas sobre os acontecimentos negativos visíveis na vida destas. O que nos remete para a Teoria Blaming the Victim de William Ryan (1976).

boas mães<sup>8</sup>, uma vez que colocam as necessidades dos filhos em primeiro lugar. Não se julgam mães distraídas e incompetentes nas suas funções (Basu & Dutta, 2011; Sloss & Harper, 2004), e consideram que os filhos são o seu “epicentro, a principal razão de sentido das suas vidas” (Ribeiro, 2004, p. 35). Estas mulheres estão dispostas a sacrificar a sua dignidade devido à situação económica, por isso, optam por esta atividade. As famílias são, na sua maioria, monoparentais (solteira, divorciadas, separadas e viúvas), isto é, as prostitutas têm os filhos a seu cargo e são as únicas a colmatar as necessidades existentes (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Sloss & Harper, 2004). Contudo, estas mães preocupam-se bastante com o estigma que o seu trabalho implica e do qual os seus filhos podem vir a ser alvo (Basu & Dutta, 2011; Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

As prostitutas têm receio que os filhos venham a ter conhecimento da sua atividade, uma vez que temem perder o respeito que os filhos têm por elas. Isso desperta-lhes sentimentos de angústia e perturba os seus pensamentos (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Sloss & Harper, 2004). Estas mulheres mantêm uma vida privada, familiar que bloqueiam quando vão trabalhar, isto é, reprimem os seus sentimentos, os quais só voltam a reativar quando estão no seio da sua família. Apesar dos seus medos, as prostitutas acreditam que a educação que deram aos seus filhos fará com estes ultrapassem a situação, uma vez que a grande razão para que estas mulheres exerçam esta atividade, é garantir o futuro dos seus filhos (Sloss & Harper, 2004).

A sociedade não vê com bons olhos estas mães. Socialmente existe uma separação entre mulheres “bem comportadas”, que correspondem às esposas e mães dedicadas e as mulheres “mal comportadas”, que representam as prostitutas tomadas como incompetentes e inaptas para este papel (Oliveira 2010; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). A estigmatização feita pela sociedade contagia meios que deveriam ser imparciais, como os institucionais e põem em causa áreas como a saúde, a justiça e a reposta social (Oliveira, 2010). Na área da resposta social, podemos pôr em causa duas situações: a legitimidade de ser mãe e poder ficar com o

---

<sup>8</sup> O conceito “boa mãe” poderá ser uma questão relevante para investigações futuras. Assim como, o aprofundamento desta temática através do estudo das Teorias da Vinculação.

filho, sem que a única resposta seja a colocação deste em instituições de acolhimento e possível adoção (Oliveira, 2010) e a possibilidade de identificar o progenitor masculino, através do processo judicial existente para tal (Machado & Silva, 2010). Numa sociedade em que a mulher é vista como esposa fiel e dona de casa é condenado moralmente a existência de filhos, principalmente se não perfilhados, em que a paternidade dos vários filhos é atribuída a diferentes progenitores, e a práticas sexuais desreguladas (Silva, 2007).

Nos processos judiciais, que envolvem a investigação da paternidade, as mulheres têm os seus comportamentos sexuais avaliados e desta avaliação depende, muitas vezes, o resultado judicial (Machado & Silva, 2010). Este facto faz com que as mulheres que exercem a prostituição sejam vistas como incapazes de exercer o seu papel de mães, quando tal é central nas suas vidas (Ribeiro, 2004). Nestes processos são visíveis fatores dificultadores, tais como a ausência de vínculo matrimonial, a juventude das mães em questão, os vários candidatos à paternidade e a não declaração da profissão para esconder a verdadeira ocupação (Machado & Silva, 2010). Logo, os processos de investigação judicial mencionados são muitas vezes considerados inviáveis ou é patente a rapidez de resolução dos mesmos, pois o comportamento sexual “duvidoso” (Machado & Silva, 2010, p. 130) destas mulheres é comparado com as mulheres consideradas merecedoras, o que torna as mães-prostitutas pouco credíveis e assim menos merecedoras da identificação dos pais dos seus filhos.

Em suma, apesar de estas mães verem os seus direitos postos em causa, enfrentam os obstáculos, tendo sempre em mente que os seus filhos são o ponto principal das suas vidas, pois é “por serem boas mães é que muitas destas mulheres são prostitutas” (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007, p. 355).

## II – Objetivos

Os princípios da *grounded theory* pressupõem a definição inicial de um problema de investigação (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990). O investigador tem que enunciar questões que sejam abrangentes, para promover a flexibilidade e profundidade da análise (Fernandes & Maia, 2001). Durante o processo, o problema da investigação ou as questões colocadas inicialmente podem sofrer alterações, devido a uma evolução destas com o desenvolvimento da análise (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Holanda, 2006; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990).

O objetivo primordial, ou o problema inicial deste estudo é a tentativa de compreender a maternidade, no caso específico, de mulheres que têm como ocupação a atividade da prostituição. O objetivo foi escolhido por ser um tema pouco explorado em Portugal. Apesar de já existirem investigações como a de Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007), é necessária uma análise mais profunda das características específicas do tema em questão.

O estudo teve em conta três áreas fundamentais: a ocupação destas mulheres, a vivência da maternidade e as relações familiares. Foi necessário uma análise da prostituição como atividade, para compreender os motivos da escolha desta ocupação e as suas repercussões. Também, a vivência da maternidade é um ponto crucial na investigação. Esta centra-se na relação mãe-filho e nos aspetos mais importantes da mesma. Por último, a pesquisa de um ponto não menos importante, a vivência familiar, para ser possível enquadrar as mulheres entrevistadas no tipo de vida familiar e analisar o conhecimento da família acerca da prostituição, tendo em conta que estas mulheres exercem prostituição de rua e estão expostas publicamente e socialmente durante o período de trabalho.

### III – Metodologia

Segundo Mucchielli (1991; cit in Holanda, 2006), os métodos qualitativos são utilizados nas ciências humanas e permitem a pesquisa e análise de fenómenos que não são suscetíveis de ser medidos, isto é por exemplo, um estilo de vida, uma estratégia, uma tomada de decisão.

No estudo realizado, partiu-se do pressuposto que o fenómeno da prostituição de rua não é passível de ser medido, pois caracteriza um estilo de vida. Assim, optou-se por uma metodologia de cariz qualitativo, onde se privilegiou o contacto direto com o contexto e com as participantes do estudo. É essencial demarcar que não é interesse do estudo determinar uma relação direta de causa-efeito ou uma generalização. O fenómeno estudado contém uma multiplicidade de participantes e histórias de vida, tal seria imprudente. O que se pretende é uma análise exploratória e interpretativa dos dados obtidos.

#### A. Método

As formas de investigação da análise qualitativa são diversas. O estudo biográfico, o estudo fenomenológico, a *grounded theory*, a etnografia, o estudo de caso, a análise de discurso, a análise de conversação, a análise da narrativa, são alguns exemplos das diferentes formas de análise (Fernandes & Maia, 2001; Holanda, 2006). Neste estudo optou-se pela utilização da pesquisa e da análise de acordo com a *grounded theory* (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Holanda, 2006; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990). Segundo Moustakas (1994; cit in Holanda, 2006), esta forma de análise centra-se na descodificação dos “elementos da experiência” (p. 368), isto é, a partir dos elementos e das suas inter-relações, surge uma teoria que permite ao investigador compreender “a natureza e o sentido de uma experiência para um grupo particular de pessoas num contexto particular” (p. 369).

Barney Glaser e Anselm Strauss (1967) foram os primeiros a apresentar a proposta da *grounded theory*, na obra *The discovery of Grounded Theory for Qualitative Research*. Posteriormente, Strauss abandona Glaser, pois as suas formas de perseguir o trabalho revelam-se distintas, fazendo Strauss associar-se a outra autora, Juliet Corbin. Estes autores apresentam duas obras com a

sua versão da *grounded theory* nos anos 90 (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001).

A definição do problema de investigação é o primeiro passo para análise segundo a *grounded theory* (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990). O investigador tem que enunciar questões que sejam abrangentes para promover a flexibilidade e profundidade da análise, tendo em conta os limites pré-definidos na questão para não divagar e tornar a investigação possível (Fernandes & Maia, 2001). Durante o processo, o problema da investigação ou as questões colocadas inicialmente podem sofrer alterações, pois existe uma evolução destas com o desenvolvimento da análise. A análise desenvolve-se através da persistente comparação entre as questões colocadas e os dados que vão sendo obtidos, À medida que se desenvolve a análise, novas questões vão surgindo, fazendo com que seja necessário rever dados (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Holanda, 2006; Pinto & Santos, 2012; Strauss & Corbin, 1990).

A construção da amostra é outro ponto essencial na análise baseada na *grounded theory*. A amostra não é definida inteiramente no início da investigação. Esta vai-se diferenciando do todo no decorrer do estudo. Não é uma amostra representativa de um determinado grupo, mas uma amostra que se revela pertinente. O objetivo desta é representar variantes e tipicidades de fenómenos. Como tal, esta acaba por ser orientada pelo processo de análise dos dados (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990).

Os procedimentos de codificação inerentes à *grounded theory* dividem-se em três tipos: aberta, axial e seletiva. A codificação aberta abrange a fragmentação, observação, confrontação, conceptualização e categorização de dados (Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990). O objetivo desta codificação é a elaboração de categorias conceptuais que se extraem diretamente dos dados, logo surgem dos dados não estão pré-estabelecidas. A flexibilidade é uma mais valia neste processo, uma vez que a qualquer momento é possível voltar aos dados e elaborar nova categorização (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990). A codificação axial consiste em reagrupar os dados da codificação aberta de forma lógica, com o intuito de tornar a análise mais consistente o que permite um entendimento entre as categorias e subcategorias, organizando-as através das propriedades

e dimensões específicas (Charmaz, 2009; Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990). A codificação seletiva remete-nos para o processo de seleção da categoria primordial, ou seja o “fenómeno à volta do qual os outros são integrados” (Fernandes & Maia, 2001, p. 60).

Em suma, a *grounded theory* tem como princípios básicos a definição de problema, ou seja a colocação de questões sobre o que pretendemos estudar, a construção da amostra, onde é essencial o contacto direto com o contexto. Os processos de codificação remetem-nos para uma análise flexível através da comparação dos dados obtidos.

A realização desta investigação seguiu as etapas aqui mencionadas. A definição do problema ou questão orientadora considerada foi *Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição*. A exploração deste tema e a elaboração da amostra teórica foi possível através da observação direta das participantes do estudo no contexto da sua ocupação. A recolha de dados foi o passo seguinte. Esta foi possível através da realização de entrevistas que foram posteriormente transcritas e analisadas. Esta análise foi essencial, pois procedeu-se à leitura das entrevistas de forma exaustiva. Estas leituras tornaram possível a identificação do material pertinente para o estudo. No que diz respeito à codificação, o estudo utiliza a codificação aberta e axial, uma vez que o objetivo é observar, explorar, descrever e analisar. Não se pretende a construção de teoria daí termos optado por um estudo exploratório. Para a construção de teoria teríamos de prosseguir as investigações e conseguir, por exemplo, a colaboração de prostitutas de interior ou que exercem a sua atividade em ambiente residencial. Como tal são estas a codificações passíveis de serem utilizadas (Strauss e Corbin, 1990). Apesar da construção da teoria ser considerada um ponto central na *grounded theory*, são vários os investigadores que têm como objetivo descrever fenómenos através da análise conceptual que esta proporciona (Charmaz, 2009).

## **B. Recolha de Dados**

O método utilizado para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada (Anexo A). Este tipo de entrevista beneficia o contato direto entre o entrevistador e os participantes do estudo. Segundo (Hoepfl, 1997) a

entrevista permite que os entrevistados respondam de diferentes formas à mesma questão, uma vez que são utilizadas perguntas abertas. Numa entrevista semiestruturada (Anexo A) o investigador escolhe o tema em questão, realiza um guião e pode assim explorar dentro dos tópicos que pensa ser pertinentes. O guião tem como objetivo a focalização nas questões pertinentes, mas este pode sofrer alterações no decorrer da entrevista, dado ser possível levantar-se um tema que não era previsto (Charmaz, 2009; Hoepfl, 1997, Patton, 1990).

A gravação da entrevista é outro ponto considerado essencial por Charmaz (2009), isto porque possibilita uma maior atenção por parte do investigador ao participante, podendo manter um contacto visual mais predominante. Tal não invalida possíveis apontamentos de comportamentos ou dados cruciais, desde que este fato não seja causador de mau estar para o participante.

Neste trabalho as entrevistas foram realizadas em locais pré-determinados com as mulheres. Foi possível a realização das entrevistas em diversos locais como: na Associação Existências<sup>9</sup>, em casa de uma das mulheres, na estação de comboio<sup>10</sup> e no local de trabalho das mesmas. Esta última situação, deveu-se à falta de possibilidade de deslocação ou à falta de tempo. Tornava-se mais cómodo a entrevista decorrer durante o seu período de trabalho sem que estas abandonassem o local em questão, uma vez que tal poderia levar os clientes a deduzirem que não se encontravam a trabalhar. Foi possível observar algum desconforto por estarem a responder a questões pessoais no local de trabalho, denotando assim a separação que estas fazem entre a vida privada e profissional. Também foi possível verificar o interesse destas pelo tema, pois quando apareciam clientes estas mostravam-se à vontade e comentavam que eles teriam que esperar ou voltar mais tarde.

Nos locais de trabalho as entrevistas duraram entre 15 a 30 minutos, denotando o pouco à vontade de explorar aquele tema no local em questão.

---

<sup>9</sup> A Associação Existências é uma IPSS, Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem como principal objetivo a promoção e proteção da saúde. Alguns dos seus projetos são direcionados para a intervenção com prostitutas, tendo a investigadora realizado estágio curricular na instituição, foi permitido a integração em “equipas de rua” que facilitaram a observação direta do contexto.

<sup>10</sup> Nesta entrevista não foi possível gravar, pois a utente não autorizou a gravação, mas consentiu o apontamento da informação cedida pela mesma.

Nos restantes locais, as entrevistas tiveram uma duração maior, entre 30 a 45 minutos. Foi possível observar uma postura mais relaxada. Todas as entrevistas foram gravadas, e no início destas foi explicado o objetivo do estudo e dada a garantia de confidencialidade das informações prestadas. Foi-lhes pedido que estas confirmassem que compreendiam o que lhes estava a ser dito, que se tivessem dúvidas as colocassem naquele momento e que dessem autorização para a gravação da entrevista (Anexo B).

As entrevistas foram possíveis após o conhecimento do contexto de trabalho destas mulheres, o entendimento das regras inerentes a este contexto e a criação de empatia com as mesmas. As “equipas de rua” proporcionaram várias incursões ao local, surgindo assim a grande questão orientadora da investigação. Os relatórios realizados destas equipas também geraram um complemento à recolha de dados e a discussão da informação.

### C. Participantes

Na *grounded theory* a amostra não é previamente definida, pois esta vai-se definindo à medida que a análise se vai desenrolando. Os autores referem-se a esta como amostra teórica, e esta, assim como a recolha de dados, só cessa quando existir saturação teórica<sup>11</sup>, ou seja, a recolha só é terminada quando as categorias se encontram completas em termos de conteúdo (Charmaz, 2009; Strauss & Corbin, 1990).

O apoio da Associação Existências, como já foi referido foi crucial, uma vez que foi através desta que foi possível o acesso aos sujeitos que representavam interesse para o estudo. Devido aos projetos existentes na Existências, já era conhecida a localização destas mulheres e já antes se tinha estabelecido contato com as mesmas.

Os sujeitos<sup>12</sup> que participaram nesta investigação foram selecionados através dos seguintes critérios: serem do sexo feminino, dedicarem-se à

---

<sup>11</sup> Neste estudo, não foi possível atingir a saturação teórica em todas as categorias, pois não foi possível entrevistar mais sujeitos devido à dificuldade de encontrar sujeitos.

<sup>12</sup> O anonimato foi totalmente garantido através da utilização de um código. A investigadora optou por designar as mulheres entrevistadas com um E de entrevista e com um número. Tal, deveu-se à garantia dada a estas que o seu anonimato seria respeitado, pois as iniciais dos seus nomes poderiam levar à fácil identificação, por exemplo por técnicos.

prática da prostituição de rua e terem pelo menos um filho.

	Idade	Nacionalidade	Escolaridade	Anos de Atividade	Idade Mãe (Primeira vez)	Número de filhos	Agregado Familiar
E1	51	Portuguesa	6º Ano	12	19	5	Companheiro
E2	46	Portuguesa	4º Ano	24	31	1	Sozinha
E3	28	Portuguesa	6º Ano	2	14	4	Duas Filhas
E4	28	Portuguesa	11º Ano	3	21	2	Filhos
E5	30	Portuguesa	9º Ano	5	23	1	Filha
E6	27	Portuguesa	11º Ano	6	17	1	Filho
E7	50	Portuguesa	4º Ano	4	19	6	Dois Filhos / Neta
E8	44	Portuguesa	7º Ano	2	29	1	Filho/ Marido
E9	56	Portuguesa	Não estudou.	15	21	2	Irmã

Tabela 1 – Apresentação dos dados sociodemográficos das mulheres entrevistadas

As participantes tinham entre 27 e 56 anos de idade, com um tempo de permanência na atividade entre 2 e 24 anos. Todas estas mulheres são de nacionalidade Portuguesa. Apresentam escolaridade baixa, uma destas mulheres não teve oportunidade de estudar, e as que apresentam habilitações mais elevadas atingiram o 11º ano. Por último, estas mulheres foram mães, pela primeira vez, entre os 14 e os 31 anos e tiveram entre um a seis filhos.

#### **IV - Apresentação e Análise/Discussão de dados**

Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e informações anotadas nos relatórios elaborados nas “equipas de rua” a quando o estágio curricular na Associação Existência. A participação nas “equipas de rua” proporcionou a criação de uma relação empática com as mulheres que exercem prostituição. Esta relação foi fundamental para o entendimento do contexto e possível realização das entrevistas.

As entrevistas foram integralmente transcritas, e como já foi referido, lidas e relidas várias vezes, de forma a proceder-se à codificação aberta (Anexo C). Para a facilitar a análise de dados, foi utilizado o Excel, onde foi elaborada uma tabela com as categorias/subcategorias na vertical e o código de cada mulher na horizontal. O objetivo desta tabela foi inserir os excertos das transcrições correspondentes a cada categoria/subcategoria e assim ser possível comparar os dados obtidos.

A validade dos resultados foi garantida através da triangulação, isto é, a utilização de várias fontes para verificação dos dados obtidos (Charmaz, 2006). Neste estudo, a triangulação teve em conta três fatores: a experiência ganha durante as “equipas de rua” realizadas durante o estágio curricular; a interpretação dos dados pela investigadora e a comparação dos dados obtidos com os resultados de outras investigações realizadas na mesma área de estudo.

Na análise qualitativa os dados não são independentes da interpretação dos investigadores, pelo que a investigadora assume uma postura concisa e exata. Na interpretação dos dados, sempre que se justifique são utilizados excertos das transcrições para clarificar ou complementar a análise dos mesmos.

As categorias e subcategorias resultantes da codificação aberta foram agrupadas em três dimensões: prostituição como atividade, vivências na maternidade e vivências familiares. Estas três dimensões agrupam-se em várias categorias e subcategorias que estabeleceram uma relação lógica. Na tabela seguinte apresenta-se as categorias e subcategorias que deram origem às três dimensões já referidas.

<b>PROSTITUIÇÃO COMO ATIVIDADE</b>		<b>VIVÊNCIA DA MATERNIDADE</b>	
<b>Motivo de entrada na atividade</b>		<b>Relação com filho(s)</b>	
<b>Possível(eis) Influência(s)</b>		Idade em que tiveram o primeiro filho	Idade em que tiveram os restantes filhos
<b>Motivo de permanência</b>		Dificuldades na Maternidade	Mudanças/Alterações experienciadas no percurso de vida mãe –filho
<b>Outros Trabalhos/ Outras Atividades (passado e/ou presente)</b>		Presença/Ausência na vida dos filhos atualmente	Relação afetiva mãe-filho
<b>Reflexão acerca da atividade</b>		Relação entre irmãos	Gerir o quotidiano
Perceção da Atividade (Positiva/Negativa)	Perspetivas futuras (de saída da atividade, por exemplo)	Conhecimento da Prostituição como atividade da mãe	Perspetiva/Desejos Futuros para os filhos
<b>VIVÊNCIA FAMILIAR</b>		Relação com o Companheiro (da mãe)	Relação com o Companheiro (da mãe)
<b>Percurso de Vida</b>		<b>Relação com o Companheiro (da mãe)</b>	
Infância	Aduldez	<b>Realização de Interrupção Voluntária da Gravidez</b>	
<b>Situação Económica</b>			
<b>Conhecimento da prática da prostituição</b>		<b>Relação com o Progenitor Masculino</b>	
Quem sabe	Reação	Igual/Diferentes progenitores	Relação (percurso)
<b>Conhecimento de Familiares que exerçam prostituição</b>		Presença/Ausência de Contacto com a própria	Presença/Ausência na vida dos filhos
Grau parentesco	Reação	Reação	
Motivo			
Perspetiva/Desejos para o Futuro			

Tabela 2 - Dimensões resultantes da sistematização das categorias e subcategorias

## Prostituição como Atividade

O objetivo desta dimensão é compreender os motivos que levaram estas mulheres a optar pela ocupação da prostituição, a desmistificação de como ocorreu a sua entrada, do porquê de permanecerem nela e quais as suas perspetivas futuras.

Os motivos de entrada são diversos, mas a causa adjacente a todos eles é a carência económica. As entrevistas denotam que uma alteração repentina na vida destas mulheres levou à tomada de decisão que as fez optar pela prostituição. O divórcio, a morte de um familiar, dívidas, incapacidade financeira para cuidar dos filhos e percurso de vida mais tumultuosos são as causas mais apontadas para a decisão de iniciar esta ocupação. Muitas destas causas já foram enunciadas em estudos realizados em Portugal e já referidos anteriormente (Oliveira, 2004, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

O divórcio é apontado como uma causa que leva estas mulheres a optarem por esta ocupação: *"Comecei porque nessa altura separei-me e estava a ver as minhas filhas a atravessar certas dificuldades na vida delas e decidi que era melhor eu fazer alguma coisa por elas e dediquei-me ao mundo da prostituição."*, E3

O divórcio causa uma alteração repentina no seio familiar destas mulheres, o que as leva a modificar a forma como vivem e encaram as situações. A procura por um conforto económico e pelo bem-estar destas e dos filhos leva a que optem por uma forma rápida e eficaz de ganhar dinheiro. Denota-se ainda a ausência de referência às redes sociais de apoio, o que pode inferir a falta destas. Apenas a E9 refere o apoio por parte da família, mencionando que a razão que a levou à prostituição foi o divórcio. Como tinha 2 filhas para sustentar optou por esta ocupação, e quem cuidou das suas filhas foi a sua mãe.

As razões que levam as mulheres a decidir exercer a prostituição são várias impedindo a generalização. Cada mulher tem a sua história de vida. A entrada na prostituição não teve apenas uma causa mas um conjunto de causas que levaram à tomada de decisão.

Normalmente, as razões que levaram estas mulheres, à prática desta ocupação, são as mesmas que as mantêm (Oliveira, 2011). Neste estudo é

possível verificar esta situação, uma vez que os diversos motivos apontados inicialmente são os mesmos apontados para a permanência destas na prostituição. Pagar dívidas, sustentar os filhos, ou simplesmente porque deixaram que esta ocupação se tornasse rotineira. Como por exemplo, "*Olhe não sei, já...deixei-me ir na onda.*", E2

Algumas mulheres tentam arranjar outros trabalhos, e de fato deixam esta ocupação durante algum tempo, mas devido a acontecimentos que desorganizam as suas vidas acabam por voltar: "*(...) infelizmente estive a trabalhar na copa, tive princípios de um AVC, ao fim de 3 meses de lá estar. Depois estive na Danecake, foi quando fui internada urgentemente com operação de barriga aberta, já não me renovaram o contracto (...)*", E1

Também E6 mencionou já ter tido outro trabalho, como empregada de quarto e tinha um ordenado cerca de 450€, constatando que com este valor não conseguiria fazer face às despesas e optou por voltar para a prostituição. Assim como E8, que já foi empregada de balcão, gerente de um bar, e florista mas voltou a exercer a prostituição devido a uma dívida que tem com o estado.

O facto de não terem empregos viáveis, pois estes não lhes garantem rendimentos suficientes para assumirem as responsabilidades que estas têm a cargo, poderá estar relacionado com a formação académica e/ou profissional baixa. A maior parte destas mulheres não terminou o 3º ciclo, sendo que só duas chegaram ao ensino secundário sem terem terminado o mesmo. Esta situação faz com que lhes seja mais difícil encontrar trabalho e quando encontram estes sejam insuficientes para manter uma situação estável.

Mais uma vez de acordo com a investigação de Oliveira (2011), pode verificar-se que estas mulheres tentam abandonar definitivamente esta ocupação, mas isso só será possível se houver uma organização plena das suas vidas. As novas ocupações mostram-se insuficientes financeiramente, impedindo a organização desejada, o que as leva a voltar a prostituir-se. Contudo, a E5 mostra-nos uma visão diferente. Declarou que conseguiu sustentar-se a si e à sua filha, mas que não passava tanto tempo com esta, "*(...) quando trabalhava no restaurante conseguia sustentar-me a mim e a minha filha...como consigo agora, sempre consegui...só que assistentes sociais, proteção de menores embirraram que eu passava pouco tempo com a minha filha...*".

As visões apresentadas são distintas. Se por um lado temos mulheres

que tentaram outros trabalhos e estes mostraram-se insuficientes para colmatar as suas necessidades financeiras, por outro lado, temos esta mulher que transparece suficiência económica mas que por falta de tempo passado com a filha, opta por esta ocupação.

A existência/ausência de proxenetas é outra questão abordada no estudo realizado em Portugal por Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) que refere que estes já quase não estão presentes na vida das prostitutas. Este foi um fato que me foi possível observar no contexto, sendo que nenhuma das mulheres entrevistadas tinha proxeneta, atualmente. Estas mulheres trabalham de forma independente, o que nos leva à questão “de como entraram nesta ocupação?”. Na E2 é referida a influência marcante por parte de terceiros, “ (...) *houve uma rapariga que trabalhava por baixo e um dia diz-me ela assim: “Oh E2 tu já tens a quase 18 anos, não queres ir trabalhar para casa de uma senhora que é aqui perto que ela precisa quem tome conta de dois meninos gémeos, tu ficas lá a dormir que ela e o homem andam lá a trabalhar” (...) Depois, quando fiz 18 anos fugi do colégio e fui para casa dessa tal senhora, que é ali em B. E depois de eu estar lá oito dias em casa dela, ela pôs-me a ganhar para ela (...)* ”.

A maioria menciona que entrou na prostituição por “contra própria”, ou através de amigas e pessoas que conheciam com esta ocupação.

Numa reflexão sobre a atividade, são apontados vários fatores, como os aspetos negativos ou positivos desta ocupação e as perspetivas futuras que têm acerca deste trabalho. A E7 menciona, “*Não é tudo negativo, tá bem que agente tem dinheiro quando quer, se temos clientes temos sempre dinheiro. Mas é uma vida que satura, basta estar aqui todo o dia no meio do mato, estamos sujeitas a ser assaltadas, a aparecer alguém e nos matar, só sabemos que estamos bem quando pegamos no táxi e vamos para baixo. Eu quero mesmo sair daqui, é verdade!*”. Alguns autores (Oliveira, 2011; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Sá, 2010) referem-se à prostituição de rua como uma atividade que coloca em causa a segurança destas mulheres e que faz com que estas estejam completamente expostas pública e socialmente. Também, é importante referir que à beira da estrada estas mulheres se encontram mais distantes uma das outras, na maior parte das vezes não conseguem fazer contacto visual umas com as outras, o que faz com que o risco seja acrescido como já referia Oliveira (2011). Apenas uma

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

mulher, das mulheres entrevistadas, exerce prostituição no centro da cidade durante a noite, e opta por fazê-lo nos carros dos clientes.

As mulheres entrevistadas estão cientes dos riscos da prostituição de rua. Por isso, no geral, quando se referem as perspectivas futuras, estas mulheres apontam como crucial o abandono desta atividade: *"Gostava de ter um trabalho, pelo menos para sair desta vida enquanto as minhas filhas são pequenas. Mas nem tudo o que agente quer se consegue alcanças, certo? Não digo que um dia isso não vai acontecer. (...) Tenho, tenho perspectiva no fim do ano deixar esta vida. Nunca mais lá meto os pés, nem lá nem em lado nenhum."*, E3

Apesar, de terem tomado a decisão de optarem por esta ocupação é visível o desconforto por parte destas mulheres, uma vez que em nove, quatro referiram que gostariam de abandonar, sendo que as outras cinco não comentaram este assunto. A forma como a sociedade vê esta atividade, leva a que estas mulheres sejam incapazes de apontar os pontos positivos (Oliveira, 2011).

### **Vivências na Maternidade**

Na dimensão vivências na maternidade foi possível explorar: a relação das mulheres entrevistadas com os seus filhos, dos seus filhos com o possível companheiro da mãe, a relação das mulheres entrevistadas e dos filhos com progenitor masculino. Esta dimensão foi fundamental, pois possibilitou a análise de como mulheres, que têm como ocupação a prostituição exercem a maternidade.

As prostitutas tornam-se mães relativamente cedo e de forma inesperada foi uma ideia deixada pelos estudos de Ribeiro (2004) e Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007). O estudo apresentado vai de encontro com esta ideia. A maior parte destas mulheres foi mãe antes dos 25 anos e mostraram querer assumir este papel. Contudo, tal nem sempre foi planeado o que dificultou a adaptação a esta nova realidade.

No caso de E2 e E3 ambas partilham a maternidade do mesmo filho, isto é, enquanto uma é a mãe biológica, a outra é a mãe afetiva, tendo chegado a viver juntas em conjunto com o progenitor masculino. Isto trouxe dificuldades acrescidas, como relata E2, que apesar de referir que não teve

dificuldades no seu papel de mãe afirma o seguinte: *“Sim...por exemplo, as pessoas sabiam que ele que era meu filho...e uma vez fomos cortar o cabelo as duas, e ele estava a chorar muito ao meu colo e ela acabou de cortar o cabelo e agarrou-o e conforme o agarrou ele calou-se. Diz assim uma senhora: “que giro como ele conhece o colo da mãe”, diz assim a cabeleireira: “não...não a mãe é a outra, não é esta”. Chegou ao colo dela e calou-se, já não chorou mais, adormeceu logo e ao meu colo chorava que se matava.”*.

Contudo, houve uma preocupação por parte da E5 para deixar os papéis claros perante a criança: *“(...) e ele dizia que eu é que era a mãe dele, e eu dizia-lhe “ não não a tua mãe não sou eu” (...) tanto que ele começou a chamar mãe à E2 e começou a chamar-me mãezinha a mim (...) Ele ainda hoje diz que tem duas mães.”*.

Nos restantes casos, só uma das mulheres entrevistadas, a E3, revela dificuldade em exercer a maternidade, devido a relações familiares tumultuosas que a levam a lutar pelas filhas mais novas. Mostrando-se capaz de cuidar e zelar pelas necessidades emocionais e de cariz económico é-lhe atribuída a guarda destas mais tarde com o apoio do progenitor masculino.

Ambas as situações mostram situações específicas, mas que não poderiam deixar de ser mencionadas, uma vez que refletem duas realidades em que estas mulheres tentaram adaptar as suas vidas para serem capazes de cuidar dos seus filhos.

As alterações/mudanças que estas famílias sofrem são notáveis, uma vez que são famílias na maior parte das vezes monoparentais, levando a que estas mulheres se responsabilizem sozinhas pelas necessidades dos seus filhos (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Sloss & Harper, 2004).

E9 teve que deixar as filhas a cuidado da sua mãe *“Quando eram pequenas viveram sempre com a avó, mesmo quando trabalhava em casas. Mas viam-me como mãe”*.

E1 viu as suas filhas serem colocadas num Lar de Acolhimento, *“Alegadamente por eu vir para aqui e elas ficarem em casa. Só que isso não pega, nem se mete na cabeça de ninguém porque na altura que isso aconteceu estava uma das irmãs com 18 anos e uma com 17 anos em casa.”*

Quanto à E3, após o primeiro divórcio, perdeu o contato com os filhos

mais velhos, com os quais está esporadicamente, *"Eles ficaram comigo, ele levou o mais velho e depois eu fiquei com mais nova. Um dia a Oliveira do Bairro ver uma casa para me ir embora para lá e ele levou-me os miúdos e nunca mais mos entregou. (...) Sim, fui eu que criei o meu filho até aos 5 anos e criei a minha filha até aos 3 anos. (...) Tive o meu filho comigo seis meses, ao fim de seis meses foi dada guarda novamente ao pai, foi para o pé do pai. Esteve aqui nas férias da Páscoa e depois nunca mais veio."*

Ao contrário do que é possível verificar quanto às filhas mais novas, no que diz respeito aos filhos mais velhos existe um comportamento contraditório. Isto é, apesar de se verificar preocupação em continuar a fazer parte da vida deles, não se verifica uma luta tão intensa como pelas filhas mais novas.

Na situação de E2 e E8, as alterações foram bastantes. Inicialmente estas viviam juntas com o progenitor masculino e o filho. Mais tarde E2 muda com o progenitor masculino para outra casa, sendo que o filho opta primeiro por ficar a viver com a mãe, E2. Posteriormente acaba por ir viver com o progenitor masculino e só visitar a mãe ao fim-de-semana. Esta situação deveu-se a desentendimentos do filho com a mãe, como nos indica a E8, *"Nunca desde de pequeno, ele nunca teve respeito à mãe (...) porque ela não tinha pulso para ele, e ele sabia disso. Ele quando deu o pontapé à porta eu vi a coisa preta para o lado dela."*

No geral as mudanças/alterações experienciadas no percurso de vida mãe-filho devem-se a acontecimentos externos que conduzem a adaptações familiares ou a uma separação de ambos, o que pode vir a ditar a presença ou ausência da mãe na vida do filho.

As mães entrevistadas mostram ser presentes na vida dos filhos e descrevem a relação que têm com estes como "boa".

A E1, que tem duas filhas num Lar de Acolhimento, acompanha a vida delas, inclusive em situações que estas precisem de ser acompanhadas, como consultas médicas, prestando-lhes todo o apoio necessário. Também mantém um contacto regular com os filhos mais velhos. Apesar de nem todos estarem a residir nas proximidades.

A E2, que só está com o filho aos fim-de-semana, confessa que agora é melhor porque quando estavam a viver juntos, *" (...) não era bom porque eu não o tinha só para mim (...) porque eu tinha que o dividir com a madrinha*

e ele quando estava comigo e com ela, ele ligava mais a ela do que a mim (...). Apesar disso a mãe tem dificuldade em que o filho se mantenha por casa quando vem passar os fins-de-semana e por isso considera que a relação entre os dois tem bons e maus momentos, “ (...) logo no Sábado ele não é capaz de dizer assim “ olha mãe eu fico contigo...fico aqui ao pé de ti”. A primeira coisa que ele vai fazer é dizer “Oh mãe amanhã vou de manhã para casa do J.”. Se eu lhe der asas, ele vai estar em casa do amigo até à noite, não se lembra que eu que estou à espera dele.”.

A E3 confessa que não mantém um contacto regular com os filhos mais velhos apesar de demonstrar que gostaria, “Não vejo (os filhos mais velhos) (...) mas ele não os trouxe cá, ele é que os devia cá trazer...e o meu filho fez alguns problemas na escola e assim e agente foi para tribunal, o tribunal decidiu que eles vinham de 15 em 15 dias...a minha filha não, a minha filha não fala comigo, nunca mais me quis ver.”. As filhas mais novas vivem com esta, e é mantida uma relação muito próxima, “ (...) por estas (mais novas) eu dou a minha vida (...) que tudo o que eu pudesse fazer pelas minhas filhas e tudo o que fosse em segurança às minhas filhas eu fazia!”.

A E4 apesar de considerar que não passa tanto tempo com os filhos como desejaria, menciona ajudar o filho nos trabalhos de casa e que a filha mais nova gosta é de passear, definindo, “ (...) a personalidade dos meus filhos é terrível. ”.

A E5 deixou de trabalhar num restaurante por ser chamada à atenção do pouco tempo que passava com a filha, e refere, “ (...) Nós damo-nos bem...temos os nossos altos e baixos, mas ela tem que entender que eu tenho razão e só quero o bem dela (...) muito próximas mesmo, e ainda bem que é assim.”.

A E6 refere, “É boa...nós falamos todos os dias, passeio com ele...levo-o ao circo. Damo-nos super bem... vou levá-lo e buscá-lo à escola...para mim ainda é o meu bebé. Ele é a minha vida, diz que sou a melhor mãe do mundo...quero que ele seja um bom menino, nunca lhe bati...ponho-o de castigo, explico porque tenho que o pôr de castigo...bater não resolve nada, e quando não percebem ainda faz com que as crianças fiquem chateadas...prefiro castiga-lo do que ele chore sem perceber o que fez de mal...fica sem televisão, ou assim...”.

A E7 tem dois filhos presos, mas mantém um contacto assíduo, como

ela própria evidencia, *“Mas vou sempre visitá-los, quando é o aniversário, ou natal vou sempre lá visitá-los, tudo o que eles precisam eu dou sempre, quando os vou visitar levo a comida que eles me pedem...(…) Eu não venho todos os dias, para resolver problemas, ou estar presente tenho que faltar muitas vezes...(…)Eu consigo dar tudo aos meus filhos, consigo ser uma mãe presente, o meu filho quando tem precárias não venho trabalhar (...) O V anda no ciclo, eu vou sempre falar com os professores (...)”*.

A E8 mantém uma relação bastante próxima com o filho, que ela define, *“É de amigos, zango-me com ele, e ele também se zanga comigo...”*. Contudo, não deixa de ser uma relação pautada por regras, *“Eu ainda hoje digo ao F. “ quero o teu quarto arrumado., mas é bem arrumado, porque se não ficar bem arrumado eu desmancho-te a cama e tornas a fazê-la”, e ele pode reclamar mas faz. Mas eu se tiver que me sentar cinco, ou dez minutos no sofá ou no quarto a falar com ele, eu falo. Sempre lhe disse a ele desde de pequeno “se tiveres um problema na escola, um problema que necessites de me perguntar alguma coisa, tu pergunta, seja porque seja (...) o F. pergunta-me tudo o que for preciso.”*

As mulheres entrevistadas apresentam no geral uma relação com os filhos concisa, pautada por uma preocupação pelos cuidados a ter com estes e com a educação que dão aos mesmos. No conceito de *maternidade intensiva* adaptado aos dias de hoje, a maior parte das mulheres se encontra inserida no mercado de trabalho e concilia o seu tempo entre a tarefa da maternidade e o seu posto de trabalho (Fidalgo, 2003), o que é verificado quando estas se referem ao quotidiano. A maior parte preocupa-se em definir um horário que lhes permita estar com os filhos no início do dia, após a saída destes da escola e ao deitar destes. Este horário permite-lhes estar presentes em tarefas diárias que podem necessitar de acompanhamento, como os trabalhos de casa. A E8 evidencia que, *“De manhã às sete da manhã eu estou de pé, vou ver se esta tudo bem e dar-lhe um beijinho antes de ir para a escola, eu às nove saio de casa. Por volta do meio-dia vou almoçar sozinha, mas ligo-lhe a perguntar se está tudo bem. À tarde o L. sai às cinco, ligo-lhe a perguntar se vai de autocarro ou vou busca-lo, ele vai para o café, lancha e enquanto isso eu chego. Vai para casa, vai fazer os deveres, depois sentasse na sala a ver televisão...enquanto ele faz os deveres dou um jeito à cozinha e aos quartos e depois sento-me com ele na sala.”*.

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

Nos casos em que os filhos não residem com as mães, é visível uma preocupação em aproveitar o tempo que têm disponível para passar com estes em tarefas que possam realizar em conjunto. Destaco nesta situação a E1, que se preocupa com o horário de trabalho quando as filhas estão em casa, *"Praticamente ao fim-de-semana, eu venho sempre por volta das 21h15/21h30, que é à hora que elas já estão na caminha a ver televisão para dormirem."*

Segundo Ribeiro (2004), os filhos são a principal fonte de sentido da vida destas mulheres. As mulheres entrevistadas denotam este fato, pois a sua relação com os filhos e a construção do quotidiano foca-se no bem-estar e acompanhamento destes no máximo de atividades possíveis.

Quando as questões se centram no conhecimento dos filhos sobre a prática da prostituição, a maior parte afirma que os filhos não sabem da sua ocupação. Estas mulheres têm receio de lhes contar, por temerem a reação dos filhos. Também, Ribeiro (2004), Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007), Sloss e Harper (2004) referem que as prostitutas tem receio que os filhos venham a saber a sua ocupação por temerem que estes percam o respeito que têm por elas. Contudo, as mulheres entrevistadas preferem que estes venham a saber por elas do que venham a descobrir sozinhos ou por outras pessoas. Reconhecem que apesar do choque inicial, estes irão compreendê-las. Pois, é por quererem uma vida melhor para os filhos que têm como ocupação a prostituição (Sloss & Harper, 2004).

Os dois casos em que tal é do conhecimento dos filhos, estes entenderam as razões, mas gostariam que as mães pudessem abandonar esta ocupação.

As perspetivas ou desejos destas mulheres para o futuro dos filhos passam por estes terem uma vida melhor que as suas, que estudem, que sejam felizes e que possam estar ao seu lado durante a sua vida. Como por exemplo, *"Que eles estudem e sejam alguém na vida... eu nunca me separo deles, não ia ter um trabalho que os fizesse ficar e eu ter que ir...já tive essa proposta e recusei, não vou a lado nenhum sem os meus filhos."*, E4

O tema da interrupção voluntária da gravidez também foi abordado com estas. No que se refere a este tema, todas responderam de forma negativa. Apesar de cerca de metade ter referido ter passado por uma perda contra a sua vontade, isto é, ter sofrido um aborto espontâneo. A E2 refere que esta foi uma

questão colocada em cima da mesa enquanto estava grávida, uma vez que o progenitor masculino não concordava em ter o filho, mas tal não foi possível devido a se encontrar já com três meses de gestação. A E8 refere que não pode ter filhos, *“Não, eu nunca pode ser mãe, foi uma das coisas tristes que tive na vida foi nunca poder ser mãe. Talvez por isso me agarrasse tanto ao F, porque nunca pode ter bebezinhos, com muita pena minha (...)”*.

Segundo Ribeiro (2004) o fato das prostitutas serem provenientes de famílias economicamente carenciadas, onde existe falta de informação, e a disseminação de valores religiosos, leva a que estas não ponham a questão da interrupção voluntária da gravidez. As mulheres entrevistadas parecem estar informadas sobre os contraceptivos existentes, uma vez que o objetivo das “equipas de rua” é a promoção da saúde através de material informativo e entrega de preservativos masculinos e femininos. Para além, de que é importante referir que nenhuma das mulheres menciona que os filhos são resultantes da sua atividade. A E3 quando lhe coloquei a questão da interrupção da gravidez referiu *“Não, já tive três abortos espontâneos, fui sempre assistida nas maternidades. Nunca, e por homens da estrada nunca, mas quando isso acontecer faço, logo na hora. Não vou alimentar uma coisa que não vai ter fundamento nenhum.”*. As observações recolhidas durante as equipas e provenientes das entrevistas realizadas levam-nos a querer que atualmente estas mulheres estão informadas sobre os contraceptivos e a opção da interrupção voluntária da gravidez. Contudo, por exemplo, E3 foi mãe pela primeira vez aos 14 anos e nessa altura a interrupção voluntária da gravidez ainda não era uma opção legalmente viável e a informação sobre os contraceptivos não era tão abundante como nos dias de hoje.

No que diz respeito à presença de um companheiro na vida destas mulheres, apenas três referem esta situação. A E1 refere já viver com o companheiro desde que as filhas mais novas eram pequenas, *“Foi ele que as criou praticamente, uma tinha 4 anos e outra tinha 3(...)É, elas até lhe chamam pai.”*. O companheiro referiu à “equipa de rua” que apesar dos escassos meios financeiros provavelmente conseguiriam aguentar-se financeiramente sem que a sua companheira tivesse que se expor desta forma. Após este ter conseguido trabalho, a presença da E1 na rua tornou-se menos frequente. A E8 é casada com o progenitor masculino do filho afetivo e refere que voltar à prostituição, devido às dívidas que tem ao estado, foi uma decisão

difícil para o casal. A E6, apesar de não residir com o companheiro mantém com este uma relação estável apesar de este só ter tido conhecimento da atividade da E6 quando esta se sentiu preparada para o revelar. Oliveira (2011) e Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) defendem que estas mulheres se recusam a ser exploradas e de facto as mulheres que entrevistei que têm companheiros referem que estes não dependem dos ganhos auferidos na prostituição. Contudo, durante as equipas foi visível a existência de algumas mulheres que ainda se encontram em relacionamentos em que os seus companheiros dependem exclusivamente dos ganhos auferidos por estas através da prática da prostituição, para além de exercem pressão para que estas levem quantias elevadas para casa.

A relação destas mulheres com o progenitor masculino e a presença ou ausência deste na vida dos filhos é crucial na compreensão dos dados obtidos. A maior parte destas mulheres encontram-se a viver somente com os filhos. Normalmente os filhos nasceram de um namoro ou casamento que se mostra pouco duradouro (Ribeiro, 2004; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007).

As mulheres entrevistadas referem que o progenitor masculino mantém contato com os filhos, apesar destas mulheres não apresentarem uma relação fácil com este. No caso de E1 e E3 os filhos são fruto de duas relações diferentes. Apesar de estas se terem divorciado de ambos os progenitores, estes continuaram a manter contato com os filhos. No caso de E1 ambos os progenitores já faleceram. Também no caso de E7 e E9 os progenitores faleceram, sendo que ambas mantinham uma relação marital com estes. E9 refere que o marido falecera devido ao consumo de drogas.

No que diz respeito à relação dos filhos com os pais, na maior parte das situações os progenitores estão presentes na vida dos filhos. Contudo, E5 e E6 mencionam que os progenitores masculinos não mantêm uma relação com os seus filhos. Se E5 refere que tal é recente e que apesar da difícil relação que tem com este incentivou sempre à relação entre a filha e o pai. Já E6 teve uma relação mais conturbada com o pai do filho, sendo que este lhe tirou a guarda do filho e teve comportamentos que levaram a que a própria criança optasse por se afastar dele.

Quando falamos de contribuição monetárias para os gastos relacionados com os filhos verificamos que raramente tal acontece por parte

do progenitor masculino.

### **Vivência Familiares**

O percurso de vida, a situação económica, o conhecimento por parte da família e as suas perspetivas futuras são os temas analisados nesta dimensão.

Segundo Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) as prostitutas evitam falar sobre a sua infância e adolescência devido às recordações negativas que têm sobre estas épocas. O percurso de vida não foi um tema contemplado no guião inicial, contudo algumas das mulheres entrevistadas sentiram a necessidade de contar a sua história de forma mais completa. A história de vida destas é pautada por carência económica e acontecimentos negativos. A E2 e E5 viveram a sua infância e a adolescência em colégios/lares de acolhimento. A E2 refere que fora colocada " (...) *num colégio de apoio às crianças abandonadas e maltratadas.*", que começou a trabalhar muito cedo mas que o dinheiro ganho era colocado numa conta para que ela pudesse aceder-lhe mais tarde enquanto a E5 refere ter sido colocada no lar de acolhimento por ordem do tribunal. Esta ressalva que a vida neste tinha muitas limitações, entre as quais a falta de ensino de tarefas do quotidiano como cozinhar ou cozer botões. A E8 menciona que teve "*Uma história complicada, portanto eu fui para casa de uma senhora aos 4 anos, fiquei lá até aos meus 13 anos, e depois resolvi deixar tudo para trás e ir para casa dos meus pais (...) sim, era a minha mamã e o meu papa... era como eu os tratava. Depois fui para casa dos meus pais...estive lá a fazer de tudo um pouco na agricultura, por isso é que deixei os estudos, a meio...as asneiras que agente faz quando é pequenina...paciência, é com as asneiras que agente aprende.*". Por último, a E3 refere ter sido alvo de abusos sexuais por parte do marido da mãe que terá falecido há cerca de 14 anos, referindo que a M. teria noção da situação e nunca fez nada para a proteger.

As vivências na infância e adolescência das prostitutas mostram-se marcantes. São pautadas, na maior parte das vezes, por pontos negativos como maus tratos, abusos, violência (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007; Oliveira,2011).

A questão da situação económica, quando abordada com as mulheres

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

entrevistadas, elas caracterizam essencialmente a situação económica anterior à entrada nesta ocupação. Apesar disso, nas “equipas de rua” foram muitas vezes tecidos comentários sobre a fraca afluência de clientes e por isso a descida do lucro obtido. A E2 é a única que refere que a situação atual é de carência económica, ao ponto de não conseguir pagar a renda, ou ter dinheiro para pagar as contas habituais ao fim do mês e por isso recorre à ajuda de instituições para obter bens alimentícios. As restantes entrevistadas referem à carência económica, já referida, apontada como motivo de entrada.

A diminuição dos lucros obtidos está relacionada com mudanças: estruturais, pessoais e acidentais (Oliveira, 2011). No que diz respeito às mudanças estruturais, durante as equipas foi referido por E1 que no passado as prostitutas se organizavam por grupos que se posicionavam em determinadas áreas. Os preços eram definidos entre todas e quando apareciam mulheres novas na área definidas eram acolhidas pelas mulheres que se encontravam no grupo há mais tempo que lhe explicavam as regras e os preços praticados na zona em questão. Mas o aparecimento das prostitutas consumidoras, que praticam preços mais baixos e possíveis alterações pessoais como mudança de residência ou de zona de trabalho levaram a que as que continuaram na zona em questão tivessem que se adaptar. Atualmente são menos as mulheres presentes nas ruas e encontram-se mais dispersas. Para além da crise económica que se desencadeou alguns anos que leva a que haja menos procura por parte dos clientes.

O conhecimento por parte de familiares nem sempre é uma realidade. As mulheres entrevistadas referem que algumas pessoas da família, algumas amigas e vizinhas têm conhecimento da sua ocupação. No entanto destaco a situação da E8 que é casada e menciona *“Foi muito difícil, porque enquanto se é solteiro, a coisa é relativa, mas quando se contrai matrimónio a coisa é um pouco mais complicado. Agente quando assumimos a relação do casamento foi para estarmos os dois juntos e não para eu...não foi para ele ver a mulher a ir para a cama com outro homem (...)”*. A E6 refere que contou ao namorado e que este *“Ficou preocupado...perguntou como fazia, se usava preservativo...e eu expliquei-lhe tudo. É normal, quando dizemos o que fazemos as pessoas reagem com preocupação, seja homem ou mulher... mas tomo todos os cuidados, já aconteceu rebentar um preservativo, e andei seis meses com muitos cuidados com medo de ter alguma coisa...”*. Estas duas

situações remetem-nos para duas relações positivas, pautadas “pelo amor, respeito mútuo, consideração, afeto, preocupação, partilha e carinho” (Oliveira, 2011, pp. 136-137). O que contraria a ideia de que as relações tidas por estas mulheres são pautadas por violência.

A situação da E7 e da E3 merece especial atenção, pois estas são mãe e filha. Quando questionada como a mãe se sentiria por ver a filha com a mesma ocupação, E3 refere “ (...) só que a minha mãe sempre foi conhecida no mundo da prostituição (...) Se calhar o impacto é maior para ela, sabendo que teve uma filha na prostituição e que já tem a segunda. Normalmente acaba por ser maior o impacto que os filhos estão a correr esse risco do que propriamente saber que a nossa mãe está ali, eu penso que é assim...se calhar penso errado.”. E3 não mostrou choque pela situação da mãe, pois sabe que após esta ter ficado viúva esta foi a forma de sustentar a família, “Na altura havia muitos problemas na vida da minha mãe, na altura os meus irmãos estavam presos...muitas complicações, talvez tenha sido para ela ajudar os filhos, fazer face às despesas...não sei, a minha mãe, é uma mulher que já tem quase cinquenta anos e nunca foi fácil para ela arranjar trabalho. Ela sempre conheceu este mundo, também foi isso que a fez vir para aqui e porque também nunca teve um homem em condições ao lado dela...porque se tivesse não a deixava vir para aqui.”. Mas no que toca à irmã, que também optou por esta ocupação durante nove meses, esta ficou surpresa e em choque, “ (...) o impacto de saber que a minha irmã andava aqui foi maior do que da minha mãe, porque não contava. Eu estava emigrada, quando cheguei dei com isto e aceitei, fui obrigada a aceitar, não tinha qualquer problema de andar com ela na rua e nem de ir com ela tomar café, nunca tive qualquer problema disso, mas o impacto foi maior...”. E7 primeiro nega ter alguém da família na prostituição, contudo depois menciona E3 talvez por não ter outra escolha. É possível verificar que não refere que a filha mais nova também teve esta ocupação e quando questionada como reagiu ao saber da mais velha diz “Mal” sem adiantar muito mais que isso.

No que diz respeito às perspetivas futuras/desejos resumem-se ao possível abandono desta ocupação, à felicidade, à saúde e possibilidade de criar os filhos.

*"Gostava de ter um trabalho, pelo menos para sair desta vida enquanto as minhas filhas são pequenas."*, E3

*"Desejo ter sempre saúde para criar a minha filha para ter a vida dela sem precisar de mim, e que ela tenha sempre saúde... ", E5*

*"Desejo ser uma boa mãe e sair daqui, assim que possa saio, porque não gosto disto...", E6*

*"Que o F. tivesse uma vida razoável, que eu pudesse estar com ele até eu estar velhinha (...) pode-me faltar tudo menos o F.", E8*

Estas mulheres consideram os seus filhos o “epicentro, a principal razão de sentido das suas vidas” (Ribeiro, 2004. p. 35).

## V – Limitações do estudo e outras abordagens

As limitações vão além do que pode prejudicar o bom desenvolvimento do estudo, pois é de igual forma importante descrever os obstáculos que foram ultrapassados. Estes constituíram um desafio que contribuiu para que o estudo ficasse mais rico.

Inicialmente, pareceu claro que não seria possível alcançar um número considerável de sujeitos. A população em questão exerce a sua atividade na rua, faz os seus próprios horários e pelo medo de exporem a sua história de vida não estão geralmente abertas a participar neste tipo de estudos. Contudo, a quando o início da recolha de dados as primeiras respostas foram positivas, o que deixou a investigadora surpreendida. Mas, em algumas situações, apesar da resposta positiva foi extremamente difícil ajustar o local e a hora. Mesmo depois de se terem acordado estes pormenores, as mulheres não compareciam. Foi necessário recorrer a algumas estratégias, como deixar passar algum tempo para voltar a tocar no assunto e avaliar a sua real disponibilidade. Estas estratégias levaram a que a recolha se estendesse num tempo relativamente longo e que durante esta houvesse períodos de frustração e desânimo. Mas, de todas as mulheres a quem foi pedida colaboração, apenas uma não chegou a fazê-lo após a sua resposta positiva inicial e reiteradas confirmações de não comparência no local e hora definidos. Também este facto se pode assumir como informação relevante uma vez que a mulher em questão justificou as suas ausências com imprevistos relacionados com os filhos. Tal, pode indicar a sua presença constante na vida destes e algumas dificuldades sobre explorar o tema em questão para este tipo de estudo.

As entrevistas decorreram, na sua maioria, no local de trabalho destas mulheres. Tal, mostrou-se inibidor pelo tema em questão. A experiência ganha nas “equipas de rua” mostrou-se crucial nesta fase, permitindo um conhecimento de estratégias que levariam estas mulheres a sentirem-se mais à vontade. A exposição da investigadora sozinha nestes locais revelou-se uma limitação na segurança desta. O instinto protetor das mulheres entrevistadas revelou-se devesas importante nesta questão, pois a quando o aparecimento de algum cliente havia logo um esclarecimento de que a entrevistadora não exercia aquela ocupação e que se quisessem ir com elas teriam que aguardar

o fim da nossa conversa.

A relação empática construída no decorrer das “equipas de rua” foi essencial para a realização das entrevistas. A realização de “equipas de rua” onde acompanhava técnicos que já trabalham nesta área há alguns anos e que são conhecidos por estas mulheres facilitou a confiança na investigadora. Esta teve algumas dificuldades iniciais na adaptação às equipas e delimitação da relação empática com estas mulheres. Devido ao contexto informal, as próprias mulheres têm dificuldade em delimitar a relação. A inexperiência inicial da investigadora levou a que fosse necessário a criação de estratégias pessoais para demarcar os limites da relação sem que tal afetasse a confiança depositada nela e a análise objetiva dos dados.

A forma como a investigadora abordou os dados permitiu explorar o percurso de vida destas mulheres, assim como a utilização de entrevistas semiestruturadas possibilitou a estas mulheres que respondessem de forma abrangente às questões colocadas. Tudo isto levou ao surgimento de questões que não estavam previstas e culminou na obtenção de dados não esperados. É necessário indicar que todos os dados foram importantes para a compreensão do contexto atual e passado da vida destas mulheres. Mas, na análise só foram utilizados os dados considerados uteis e enriquecedores para o estudo para não se fugir demasiado ao objetivo definido. Estas circunstâncias provocaram um momento de hesitação da investigadora, pois ambicionava poder aprofundar toda a informação recolhida. Não foi possível porque se perderia o objetivo do estudo e dissiparia as questões que demarcam o tema em questão.

A metodologia escolhida, que teve inspiração numa versão da *grounded theory*, a mais reportada por K. Charmaz, mostrou-se desafiante e complexa. A transcrição das entrevistas na íntegra exigiu bastante tempo, assim como a codificação. Estas tarefas mostraram-se exigentes e rigorosas. Ao nível da organização e análise foi necessário um elevado esforço ao nível da compreensão. Apesar das dificuldades sentidas, a metodologia proporcionou a obtenção de uma grande extensão de dados que enriqueceram o estudo.

O estudo realizado pode ser considerado um ponto de partida para investigações mais exaustiva como já referido anteriormente relacionadas com Teoria Blaming the Victim de William Ryan (1976), ou com conceito

“boa mãe”, ou com o aprofundamento desta temática através do estudo das Teorias da Vinculação.

A legalização do trabalho sexual, também referido neste estudo, também é um tema que deve ser alvo de investigação. Pois muitas mulheres optam por defender a sua atividade como profissão mas até ao momento esta continua a não ser considerada como tal.

Os resultados obtidos centram-se na prostituição. No entanto existem outras formas de trabalho sexual que poderão ser alvo de investigações futuras. O conhecimento dos diferentes contextos e realidades dos trabalhadores do sexo tornam-se emergentes devido à proliferação do tema e à importância deste para a sociedade. A investigação poderá mostrar-se crucial numa visão mais positiva acerca da prostituição ou de outros contextos do trabalho sexual.

O relacionamento que estas mulheres têm com os seus clientes, é outro tema fundamental que carece de uma profunda exploração. Não só do ponto de vista destas mas também dos clientes. A perspetiva que estes têm da prostituição, o que os leva a optarem por estes serviços e a relação que criam com estas mulheres são alguns pontos cruciais para futuras investigações mas que vão muito para além do interesse do trabalho aqui reportado.

A investigação focou-se na prostituição de rua mas existem outros contextos que são passíveis de serem estudados, tais como prostituição de interior, travestis, transexuais, prostituição do sexo masculino, stripper, entre outros.

Os estudos em Portugal, sobre a prostituição e os restantes trabalhos sexuais, são muito poucos. Por isso, sugere-se que futuros estudos abordem outras formas de trabalho sexual, realizem comparações entre contextos e os seus participantes.

## VI – Conclusão

A sociedade encara a prostituição e a prostituta como imorais. É esperado que as mulheres sejam esposas e mães dedicadas, que seguem os bons costumes. As prostitutas vão contrariar esta imagem de mulher e mãe perfeita que supostamente assombra todas mulheres há vários séculos. Não podemos esquecer que só há relativamente pouco tempo a mulher teve direito a estudar e ingressar no mercado de trabalho. A sua principal função durante séculos foi ser uma excelente cuidadora e educadora dos seus filhos.

A prostituição é uma das profissões mais antiga do mundo, como é referido em várias investigações (Oliveira, 2004a; Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007). Mas nunca foi vista com bons olhos, apesar de existirem alturas de aceitação. Esta nada mais era que uma tentativa de justificar o pecado cometido pelo género masculino.

Atualmente a visão sobre a prostituição continua negativa na maior parte da sociedade. Tal é verificável nas situações em que estas têm que recorrer a serviços e geralmente sentem necessidade de esconder a sua ocupação. O que em áreas como as da saúde significa correr riscos por medo do preconceito pré-existente na sociedade. O mesmo acontece nos processos judiciais, que englobam a investigação da paternidade, uma vez que o fato de estas terem filhos de vários progenitores ou não saberem qual o progenitor leva a que sejam condenadas por comportamentos sexuais inadequados.

Coloca-se a questão: afinal a prostitutas não são mulheres como as outras? A investigadora aquando do início das “equipas de rua” no contexto da prostituição surpreendeu-se. Tal como a sociedade, imaginava a prostituta vestida de maneira provocante com atributos físicos que lhe fossem característicos. Não foi a realidade encontrada. Provavelmente já teria passado por aquelas mulheres sem lhes prestar a devida atenção e sem fazer juízos de valor. Afinal, são mulheres como as outras.

O percurso de vida de cada prostituta é de fato marcante, mas que se cruza com histórias de outras pessoas que não exercem aquela ocupação.

A história de vida e escolhas das mulheres entrevistadas não pode ser visto como uma generalização, pois se muitos aspetos são comuns outros não o são. Por isso, cada percurso de vida deve ser encarado como único e analisado como tal.

O estudo apresentado vem reforçar as investigações já existentes, a grande diferença é que esta investigação foi direcionada com o objetivo de aprofundar a maternidade, traduzida na perspectiva de cada mulher que relata a relação mãe-filho e no seu quotidiano. Apesar de existir um estudo focado nas mães prostitutas (Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento, 2007) e outros referirem o tema de forma esporádica, nenhum se foca nesta relação de forma tão profunda.

A análise feita dos dados obtidos considerou as histórias como individuais, na primeira fase. Posteriormente, houve uma comparação entre a história destas mulheres para ser possível verificar os pontos comuns e contraditórios. Nesta análise não há uma generalização dos dados mas exploração destes, que permitem apontar pontos coincidentes e discordantes.

O estudo demonstrou que no caso destes participantes o motivo principal que leva à prática da prostituição é a carência económica. Na maior parte das vezes estas mulheres assumem sozinhas as necessidades económicas e emocionais dos filhos, uma vez que o progenitor masculino apesar de manter contato com os estes raramente contribui nas necessidades económicas. Apesar de manterem esta ocupação, todas mostram o desejo de um dia virem a abandonar esta atividade.

A maior parte das prostitutas foram mães relativamente cedo, o que não as impede de assumir este papel. Estas descreveram ter uma boa relação com os filhos, pautada pelo desejo de presença na vida deles. Mostraram interesse no desenvolvimento, educação e problemas dos seus filhos. O seu maior receio é que os filhos venham a descobrir a sua ocupação, mas esperam que se um dia isso vier a acontecer os seus filhos as compreendam.

A sua infância e adolescência são pautadas por histórias que lhes causam angústia. Entre a família e os amigos são poucos aqueles que sabem da sua ocupação. Na maior parte das vezes vivem sozinhas com os filhos, embora uma ou outra mantenham um marido ou companheiro. Questionadas pelas aspirações futuras, centram-nas nos filhos.

As breves conclusões apresentadas pretendem apenas mostrar pontos que se mostraram essenciais no decorrer do estudo.

No início do estudo a investigadora sentiu muitas ambiguidades, pois apesar de este ser um tema que desejava investigar, parecia que seria um longo caminho. Não seria a primeira vez que a falta de sujeitos inviabilizava uma

investigação com esta população. A persistência, a aprendizagem de estratégias e paciência proporcionou um enriquecimento na experiência da investigadora.

Em suma, este trabalho só foi possível devido ao contato direto com o contexto da prostituição de rua, criação de relação empática com estas mulheres através do que verbalizaram e compreensão do significado que conferiam a cada uma das suas verbalizações. As mulheres entrevistadas tiveram coragem para partilhar as suas histórias e falar do tema que consideram mais importante na sua vida. A investigadora espera que esta coragem, traduzida nos resultados obtidos, possa desmistificar a maternidade vivida por mulheres que têm como ocupação a prostituição.

## VII - Referências Bibliográficas

- Basu, A. & Dutta, M. J. (2011). "We are mothers first": Localocentric Articulation of Sex Worker Identity as a Key in HIV/AIDS Communication. *Women & Health*, 51, 106-123. Acedido a 7 de janeiro, 2013 em: <http://bvusalud.org/>
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed. Acedido a 20 de Setembro, 2013 em: [books.google.pt](http://books.google.pt)
- Coelho, L. (2003). Mulheres, família e Mercado de trabalho: Que desafios à regulação das economias pós-industriais? *Centro de Estudos Socias*, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1-23. Acedido a 5 de Outubro, 2013, em: [www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt)
- Cordeiro, S. (2012). *Prostituição Feminina de Rua, Executar e Atuar: Papel do Técnico d'O Ninho na Intervenção com Mulheres Prostitutas*. Tese de Mestrado Não Publicada: Instituto Politécnico de Lisboa. Acedido a 5 de Fevereiro, 2013, em: [repositorio.ipl.pt](http://repositorio.ipl.pt)
- Correia, M. (1998). Sobre a Maternidade. *Análise Psicológica*, 3 (XVI), 365-371. Acedido a 5 de Novembro, 2013, em: [www.scielo.oces.mctes.pt](http://www.scielo.oces.mctes.pt)
- Cunha, M. J. (2012). *Vivências do Corpo na Prostituição Feminina*. Tese de Mestrado Não Publicada: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Acedido a 31 de Agosto de, 2013, em: [estudogeral.sib.uc.pt](http://estudogeral.sib.uc.pt)
- Fernandes, E. M. & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds), *Métodos e Técnicas de Avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológica* (pp. 49-76). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Acedido a 5 de Julho, 2013, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>
- Fidalgo, L. (2003). *(Re)construir a maternidade numa perspetiva discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hoepfl, M. (1997). Choosing Qualitative Research: A Primer for Technology Education Researchers. *Journal of Technology Education*, 9 (1), 47-63.

- Holanda, A. (2006). Questões sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372. Acedido a 10 de Junho, 2013, em: [www.scielo.oces.mctes.pt](http://www.scielo.oces.mctes.pt)
- Machado, H. & Silva, S. . (2010). Narrativas judiciais em torno da prostituta-mãe: significados e vulnerabilidades no caso da investigação judicial da paternidade. In M.C. Silva & F. B. Ribeiro (Eds), *Mulheres na Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, estado e Políticas*. (pp. 123-236). Ribeirão: Rumos.
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães: Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Nahra, C. (2010). A moralidade da prsotituição. In M.C. Silva & F. B. Ribeiro (Eds), *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas* (pp. 221-254). Ribeirão: Rumos.
- Oliveira, A. (2004a). *As Vendedoras de Ilusões - estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Presença.
- Oliveira. (2004b). Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua. *II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*, (pp. 1-19). Acedido a 17 de Março, 2013, em: [repositorio-aberto.up.pt](http://repositorio-aberto.up.pt)
- Oliveira, A. (2010). Violências sobre trabalhadoras do sexo ou a reação social à prostituição de rua. In M.C. Silva & F. B. Ribeiro (Eds), *Mulheres na Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Política* (pp. 107-121). Ribeirão: Rumos.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na Vida: prostituição de Rua e Reação Social*. Coimbra: Almedina.
- Pinto, M. R. & Santos L. L. S. (2012). A Grounded Theory como Abordagem Metodológica: relatos de uma experiência de campo. *Organizações & Sociedade*, 19 ( 62), 417-136. Acedido a 3 de Abril, 2013, em: [www2.revistaoes.ufba.br/](http://www2.revistaoes.ufba.br/)
- Ribeiro, F. B. (2010). Proibições, abolições e a imaginação de políticas inclusivas para o trabalho sexual. In M.C. Silva & F. B. Ribeiro (Eds), *Mulheres na Vida, Mulheres com vida: Prostituição, Estado, Políticas* (pp. 277-288). Ribeirão: Rumos.

- Ribeiro, M. (2004). As prostitutas também são mães: Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema. *V Congresso Português de Sociologia*, (pp. 27-38). Braga.
- Ribeiro, M., Silva, M. C., Schouten, J., Ribeiro, F. B., & Sacramento, O. (2007). *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto: Afrontamento.
- Sá, J. (2010). "Putá de Vida que me fez puta": visões e incursões na prostituição de rua. In M.C. Silva & F. B. Ribeiro (Eds), *Mulheres na Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*. (pp. 137-153). Ribeirão: Rumos.
- Schouten, M. (2002). Estigma, legitimidade e legalidade: fragmentos da história do debate sobre a prostituição. *Colóquio Internacional - família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas* (pp. 360-466). Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Silva, S. (2007). Classificar e silenciar: vigilância e controlo institucionais sobre a prostituição feminina em Portugal. *Análise Social*, XLII (184), 789-810. Acedido a 28 de Agosto, 2013, em: [www.scielo.oces.mctes.pt](http://www.scielo.oces.mctes.pt)
- Sloss, C. M. & Harper, G. W. (2004). When Street Sex Workers Are Mothers. *Archives of Sexual Behavior*, 33 (4), 329-341. Acedido a 12 de Junho, 2013, em: [www.academia.edu](http://www.academia.edu)
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures as Techniques*. Newbury Park: Sage Publications.
- Tardy, R. (2000). "But I am a good mom": The social construction of motherhood through health-care conversations. *Journal of Contemporary Ethnography*, 29 (4), 433-473.
- Tummala-Narra, P. (2009). Contemporary Impigements on Mothering. *The American Journal of Psychoanalysis*, 69, 4-21.

# Anexos

## Anexo A

### Guião orientador de entrevista semiestruturada

Dados Biográfico: Género: Idade\_\_\_\_\_

1. Estudaste? Até que ano? Gostavas da escola?
2. Há quanto tempo te prostituís?
3. Como iniciaste este trabalho? Sozinha? Através de um amigo? Na rua? Em casa?
4. Quais os principais motivos que te levaram a este trabalho? E quais os motivos que te levam a manter esta ocupação?
5. Com quem é que vives? Gostas de viver com essas pessoas? Consideras ter uma boa relação com elas?
6. És mãe?
  - a. Alguma vez fizeste Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG)?
  - b. Se sim, quantos anos tinhas quando foste mãe pela primeira vez? Quantos filhos tens? Que idade têm eles agora? Que idade tinhas tu quando cada um deles nasceu?
  - c. Vivem contigo?
    - i. Se não, porquê?
      1. Estão em alguma instituição?- Se sim, qual a razão de estar/estarem na instituição? Está relacionado com o teu trabalho?
      2. Já é/são independente(s)? – Tem/Têm trabalho ou está/estão desempregados? Se sim, qual é o trabalho deles?
  - d. Como descreves a relação que tens com o(s) teu(s) filho(s)?
  - e. Costumas estar com o(s) teu(s) filho(s) algumas vezes?
  - f. Os teus filhos sabem que te prostituís?
    - i. Se sim, como encaram o facto de ser este o teu trabalho? Mudou alguma coisa na vossa relação?
  - g. E o pai/os pais têm contacto com os filhos? Como? E contigo?
7. Tens alguém na família que já se prostituiu? Ou ainda se prostitui?
  - a. Qual o grau de parentesco com essa pessoa?
  - b. Qual foi a tua reação quando soubeste?

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

- c. Qual a razão que levou essa pessoa a prostituir-se?
  - d. A pessoa sabia qual era o teu trabalho?
  - e. O fato de tu te prostituíres influenciou essa pessoa?
  - f. O que pensas sobre a situação dessa pessoa?
8. Como costuma ser o teu dia? Consegues conciliar a tarefa de ser <sup>13</sup>mãe com o teu trabalho?
9. Sobre desejos, o que desejas para ti (trabalho, família, filhos, férias)?
10. O que desejas para os teus filhos?

---

<sup>13</sup> A colocação das questões na segunda pessoa do singular está relacionada com forma como se aborda estas mulheres nas equipas. A forma informal com que se dirigimos a estas mulheres torna o contato mais fácil.

## **Anexo B**

### **Consentimento Informado**

Enquanto finalista do Mestrado Integrado de Psicologia (área de Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento), da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, eu (**Inês Margarida Marques Correia**) encontro-me a realizar um trabalho de investigação integrado na Dissertação de Mestrado, sob a orientação da Doutora Maria Jorge Ferro, com o qual pretendo conhecer e compreender o ter percurso de vida, mais especificamente a questão da maternidade. Por isso, peço que me facultes alguns dados: os dados sócio demográficos; dados escolares e profissionais; dados pessoais através de uma entrevista semiestruturada.

Com este trabalho procuramos promover a sensibilização da sociedade para uma diferente experiência de vida e também mostrar se a tua ocupação afeta ou não a tua capacidade de ser mãe.

Garantimos o total anonimato na utilização dos dados e informações recolhidas.

Se compreendeste tudo o que disse, peço que me confirmes para que fique registado na gravação. Caso tenhas dúvidas podes colocá-las.

## Anexo C

### Exemplo de categorização aberta

#### E3

#### Prostituição como Atividade

Motivo de entrada na atividade		<i>"Comecei porque nessa altura separei-me e estava a ver as minhas filhas a atravessar certas dificuldades na vida delas e decidi que era melhor eu fazer alguma coisa por elas e dediquei-me ao mundo da prostituição."</i>
Possível(eis) Influência(s)		<i>"Já conhecia pessoas daqui, a minha mãe está aqui e eu vim com ela."</i>
Motivo de permanência		<i>"Neste momento não vou conseguir um trabalho com um ordenado para manter a vida que eu tenho hoje, presentemente. E também porque tenho as minhas filhas sozinha, e não é com 485€ que eu pago renda de casa, água, luz, gás, alimentação e tenho as minhas filhas. É mais por causa disso."</i>
Outros Trabalhos/ Outras Atividades (passado e/ou presente)		
Reflexão acerca da atividade	Perceção da Atividade (Positiva/Negativa)	
	Perspetivas futuras (de saída da atividade, por exemplo)	<i>"Gostava de ter um trabalho, pelo menos para sair desta vida enquanto as minhas filhas são pequenas. Mas nem tudo o que agente quer se consegue alcançar, certo? Não digo que um dia isso não vai acontecer."; "Tenho, tenho perspetiva no fim do ano deixar esta vida. Nunca mais lá meto os pés, nem lá nem em lado nenhum."</i>

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

### Vivência da Maternidade

<p>Relação com filho(s)</p>	<p>Idade em que tiveram o primeiro filho</p>	<p><i>"Do meu primeiro filho, tinha 14 anos, hoje o meu filho tem 13 anos..."</i></p>
	<p>Idade em que tiveram os restantes filhos</p>	<p><i>"...depois tive a minha filha com 18, hoje tem 10 anos...tive a minha A com 24, que hoje tem 6 anos e depois tive a minha B que tem 3 anos agora."</i></p>
	<p>Dificuldades na Maternidade</p>	<p><i>"Para ficar com elas (mais novas) tive que fazer muita coisa. Em primeiro lugar tive que seguir corretamente o que a Proteção de Menores me disse, mesmo assim...; "Até que fomos para tribunal, em tribunal elas foram dadas à minha mãe, sobre a vigilância da minha mãe comigo ao pé...pronto tudo bem, porque eu não tinha casa, não tinha trabalho, não tinha nada...e eu disse ao juiz "ok não há problema, daqui a um mês venho cá mostra-lhe quem paga as despesas das minhas filhas e toma conta delas, não pensem vocês que vão brincar comigo", disse eu ao juiz e vim-me embora, então vim para aqui e aluguei uma casa por 150€, não tinha nada lá dentro, nada! Eu comprei um móvel aqui nos chineses para pôr na cozinha para pôr os produtos todos alimentares, pus uma cama no quarto da minha filha e pus a mais nova a dormir comigo. E assim segui para frente...até que um dia, eu tava aqui a trabalhar, e a assistente social ligou para minha mãe...queriam ir ver a casa da minha mãe, e eu agarrei e fui também, e disse a assistente social "desculpe mas as minhas filhas não estão a viver com a minha mãe, não é com a minha mãe, a minha não lhes dá nada", a minha mãe nunca lhes deu nada e o pouco que lhes dava andava sempre a turra e à massa comigo... Fomos a tribunal e a guarda delas foi-me entregue, acaba agora em Junho a fase de avaliação, mas como eu mudei de casa e mudei-as de escola, eles vão prolongar por mais seis meses, três meses...não sei. Quando entretanto mudei de casa informei a assistente social porque a casa onde estava não tinha condições para elas, e porque eu gastava muito dinheiro de transporte daqui para lá. Pronto... ela ficou em vir ver a minha casa...nunca me disse nada, um dia ligou-me a dizer que vinha aqui...e eu "tá bem"...às nove horas da manhã estava em casa à espera dela, fui</i></p>

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

	<i>levar as minhas filhas, cheguei...entretanto ela chegou também e eu vim-lhe mostrar a minha casa."</i>
Mudanças/Alterações experienciadas no percurso de vida mãe -filho	<i>"Eles ficaram comigo, ele levou o mais velho e depois eu fiquei com mais nova. Um dia a A ver uma casa para me ir embora para lá e ele levou-me os miúdos e nunca mais mos entregou." (Filhos mais velhos)</i>
Presença/Ausência na vida dos filhos atualmente	<i>"Não vejo (os filhos mais velhos)."; "Está, mas ele não os trouxe cá, ele é que os devia cá trazer...e o meu filho fez alguns problemas na escola e assim e agente foi para tribunal , o tribunal decidiu que eles vinham de 15 em 15 dias...a minha filha não, a minha filha não fala comigo, nunca mais me quis ver."; "Sim, fui eu que criei o meu filho até aos 5 anos e criei a minha filha até aos 3 anos."; "Tive o meu filho comigo seis meses, ao fim de seis meses foi dada guarda novamente ao pai, foi para o pé do pai. Esteve aqui nas férias da Páscoa e depois nunca mais veio."; "Para ficar com elas tive que fazer muita coisa. Em primeiro lugar tive que seguir corretamente o que a Proteção de Menores me disse, mesmo assim..." "Falo, com a minha A principalmente, tem seis anos....a B ainda não é aquela menina de mostrar interesse em falar. Minha B é mais menina, gosta de ver bonecos, gosta de brincar, gosta de andar a correr para trás e para frente...a minha A não, já é diferente, gosta mais de pintar, de ler os livros, de estar aqui a conversar comigo. São idades diferentes uma da outra."</i>
Relação afetiva mãe-filho	<i>"Séria com eles (mais velhos), como tenho com estas (mais novas) não."/"Tenho, por estas (mais novas) eu dou a minha vida."; "que não, que tudo o que eu pudesse fazer pelas minhas filhas e tudo o que fosse em segurança às minhas filhas eu fazia"</i>
Relação entre irmãos	<i>"Sim, apesar de que ele tem um feitio complicado e que ser filho único (filho rapaz)...não é fácil."</i>

	Gerir o quotidiano	<i>"O que é que eu costumo fazer? Todos os dias as levanto, dou-lhes o pequeno-almoço, converso com elas de manhã antes de ir para a escola, elas conversam comigo...às nove horas vou leva-las à escola...venho almoçar todos os dias com elas, elas vão para a escola eu vou para o trabalho...vou busca-las por volta das cinco horas. Às cinco horas venho para casa com elas, discutimos os problemas da casa, não todos, falamos, elas brincam porque eu tenho outras ocupações não posso estar constantemente a falar com elas enquanto elas brincam, dou-lhes banho...estão sempre acordadas até às nove horas...jantam comigo, às nove horas vão para cama. Pronto, está o dia passado."</i>
	Conhecimento da Prostituição como atividade da mãe	<i>"Não.";"Que trabalho num restaurante.";"oh mãe, hoje serviste muitos almoços?"; "oh mãe hoje fizeste isto, oh mãe hoje fizeste aquilo". Se eu poder omitir a verdade, sempre!"; "Se elas me procurarem, e se eu achar que é caso para lhes contar, conto...se não achar não conto, porque tudo o que faço é por elas."</i>
	Perspetiva/Desejos Futuros para os filhos	<i>"Que elas estudem, que sejam mais mulheres do que eu já fui até hoje."</i>
Relação com o Companheiro (da mãe)		
Realização de Interrupção Voluntária da Gravidez		<i>"Não, já tive três abortos espontâneos, fui sempre assistida nas maternidades. Nunca, e por homens da estrada nunca, mas quando isso acontecer faço, logo na hora. Não vou alimentar uma coisa que não vai ter fundamento nenhum.";"Sim tive mais dificuldade em engravidar da B...alias eu não podia ter mais filhos, o médico em França chamou-me e disse-me que tinha que abortar naquele dia porque não podia ter mais filhos e que a minha filha ia nascer deficiente. E eu chamei o pai, e o pai disse para o médico " se nascer deficiente é uma criança como as outras". A minha filha nasceu lá, a minha filha teve tudo em França."</i>
	Igual/Diferentes progenitores	

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

		<p>"Não, os meus mais velhos são do meu primeiro casamento e estas duas são de um segundo relacionamento que eu tive"</p>
Relação com o Progenitor Masculino	Relação (percurso)	<p>"Eu separei-me... ele (segundo companheiro) ficou em casa da minha mãe e eu também. Ele estava com a minha irmã, não é?... Houve certos e determinados conflitos dentro de casa da minha mãe, até que um de nós tinha que sair, e ele saiu. Eu fui trabalhar para Espanha primeiro, ele ficou em casa da minha mãe, quando eu vim de Espanha é que eles assumiram a relação deles."; "Mal, foi um choque para mim, foi muito mau. Ainda hoje é, não consigo pensar, e não consigo relacionar aonde é que estava o erro, não consigo..."; "Fui explicando, à minha A principalmente. Ainda ontem a minha A andou aqui atrás de mim "sabes eu gostava que tu tivesses com o pai, que vocês fossem amigos para eu crescer ao pé de vocês, mas ele agora está com a minha tia". Temos que arranjar, todos os dias uma... não é uma desculpa, uma explicação para lhe dar... explicação essa que às vezes não é fácil. Não é não, nem nunca a minha filha vai entender."</p>
	Presença/Ausência de Contacto com a própria	<p>"Não só tenho contacto com o delas, o deles não quis manter contacto comigo."; "mas eu antes de ir a tribunal chamei o pai das minhas filhas (segundo companheiro) a minha casa e disse-lhe "como é que é? Dás-me a guarda das meninas ou queres tu ficar com elas? Com a minha mãe não ficam", e ele disse " não dou-te a guarda das meninas porque eu não tenho vida para lhes dar"</p>
	Presença/Ausência na vida dos filhos	<p>"Elas amanhã vão para ele, ele está a viver com a minha irmã na N. Quando quer... quando é o fim-de-semana dele, ele liga-me e vem buscá-las." "Elas gostam dele, elas quando vêm o pai vêm o mundo. Quando elas vêm ainda falam, a minha A principalmente, mas a mais nova não. A dor é minha, não é delas...mas daqui para a frente acredito que a minha filha A, quando for mais velha lhes vá fazer a vida num inferno, eu acredito nisso."; "Não, nem aceita. A minha A sofre como eu, calada. Só fala quando acha que tem que falar, não é daquelas crianças que chegue ali e diga "eu não gosto de ti", não...calasse não diz nada, e sofre para dentro."</p>

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

		<i>Mas elas quando vêm o pai vêm o mundo, largam tudo para ir."</i>
	Ajuda financeira na educação dos filhos	<i>"Não (pensão de alimentos), há três anos...porque não tem como dar, e quando tem gasta tudo...ele só sabe dizer para os colegas "elas estão bem, não precisam de nada". Pois não, mas para elas não precisarem de nada, tenho eu que fazer o que faço, não é? Talvez se ele fosse um bocadinho mais consciente e se ajudasse, eu se calhar estava mais tempo com elas e escusava de andar a trabalhar tanto tempo, não é...penso eu."</i>

### Vivência Familiar

Percurso de Vida	Infância	<b>Para além disso, a utente mencionou ter sido alvo de abusos sexuais por parte do marido da mãe que terá falecido há cerca de 14 anos, referindo que a M. teria noção da situação e nunca fez nada para a proteger.</b>
	Adultez	<b>A utente mencionou não ter uma boa relação com a mãe, referindo que esta protege a irmã mais do que alguma vez a protege a utente, referindo que atualmente a irmã tem uma relação com o seu ex-companheiro e que a mãe aprova a situação. A E3 mostrou-se muito revoltada com a situação, uma vez que tem duas filhas do ex-companheiro e não esperava que a irmã desenvolve-se uma relação com este. De forma a afastar-se desta situação a utente mudou-se para um apartamento, perto do local de trabalho, com as duas filhas e referiu não deixar as filhas irem visitar o pai, uma vez que este vive com a M. e com a irmã, contudo mencionou manter-se recetiva à visita do ex-companheiro para ver as filhas. /a equipa deparou-se com a S., esta referiu que estava tudo bem, mencionando que a sua mudança estava a ser muito positiva tanto para ela como para as filhas. Referiu também que o relacionamento</b>

Ser mãe: o caso das mães que têm como ocupação de subsistência a prostituição.

Inês Margarida Marques Correia (e-mail: inesmmcorreiaive.com.pt) 2014

		com a mãe não havia melhorado, pois não pretendia conversar com esta.
Situação Económica		<i>"E também porque tenho as minhas filhas sozinha, e não é com 485€ que eu pago renda de casa, água, luz, gás, alimentação e tenho as minhas filhas."</i>
Conhecimento da prática da prostituição	Quem sabe	Mãe, progenitor das filhas mais novas, irmã
	Reação	<i>"como também nunca tive da minha mãe, eu se tiver que ir a um café com a minha mãe vou, nunca tive qualquer problema, só que a minha mãe sempre foi conhecida no mundo da prostituição e nós não, não é. Se calhar o impacto é maior para ela, sabendo que teve uma filha na prostituição e que já tem a segunda. Normalmente acaba por ser maior o impacto que os filhos estão a correr esse risco do que propriamente saber que a nossa mãe está ali, eu penso que é assim...se calhar penso errado."</i>
Conhecimento de Familiares que exerçam prostituição	Grau parentesco	Mãe
	Reação	<i>"Normal, porque eu já sabia que um dia isto ia voltar a acontecer." /"Foi mais o impacto de eu saber da minha irmã do que da minha mãe. Fiquei mais pensativa, mais, se calhar...não há palavras para descrever. Fiquei mais...o impacto de saber que a minha irmã andava aqui foi maior do que da minha mãe, porque não contava. Eu estava emigrada, quando cheguei dei com isto e aceitei, fui obrigada a aceitar, não tinha qualquer problema de andar com ela na rua e nem de ir com ela tomar café, nunca tive qualquer problema disso, mas o impacto foi maior..."</i>
	Motivo	

		<p><i>"Na altura havia muitos problemas na vida da minha mãe, na altura os meus irmãos estavam presos...muitas complicações, talvez tenha sido para ela ajudar os filhos, fazer face às despesas...não sei, a minha mãe, é uma mulher que já tem quase cinquenta anos e nunca foi fácil para ela arranjar trabalho. Ela sempre conheceu este mundo, também foi isso que a fez vir para aqui e porque também nunca teve um homem em condições ao lado dela...porque se tivesse não a deixava vir para aqui."/ "A minha irmã veio para aqui porque teve um problema no Brasil juntamente com uma cunhada minha, na altura a minha cunhada foi presa e a minha irmã ficou cá fora. Como a minha cunhada a defendeu ela achou a obrigação de vir, arranjar um trabalho para sustentar as despesas da minha cunhada que estava em Lisboa na cadeia, foi por isso. Teve aqui nove meses depois foi-se embora. "</i></p>
<p>Perspetiva/ Desejos para o Futuro</p>		<p><i>"Gostava de ter um trabalho, pelo menos para sair desta vida enquanto as minhas filhas são pequenas. Mas nem tudo o que agente quer se consegue alcançar, certo? Não digo que um dia isso não vai acontecer." / "Tenho, tenho perspetiva no fim do ano deixar esta vida. Nunca mais lá meto os pés, nem lá nem em lado nenhum."</i></p>